
MINIS/ÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



VIVENDO A GRANDEZA DA VOCAÇÃO PASTORAL

Pastorado: uma fonte de alegria

Se eu tivesse que especificar um momento no qual Deus me chamou para ser um ministro, eu apontaria a minha infância. Já nessa época, tudo o que se relacionava com a figura do pastor, prendia a minha atenção. Gostava de brincar de ser pastor. Nas apresentações da Escola Sabatina, era sempre eu quem fazia o papel do pastor. E queria fazê-lo. Sempre que era encarregado de ajudar a zeladora (nossa vizinha), na limpeza do templo, costumava colocar uma cadeira junto ao púlpito, onde subia e me imaginava pregando. Eu não tinha mais que nove ou dez anos. Meu coração batia forte e eu sorria de felicidade. Se tudo isso não significa que Deus estava impressionando minha mente infantil, direcionando-me desde cedo para o ministério, não sei mais do que se trata.

O tempo passava, e essa certeza ia sendo alimentada pela inspiração que recebia dos meus pastores de então: Antônio Pereira da Silva, com seu zelo e extremado anseio pela volta de Jesus, seu tema predileto ainda hoje. Gileno Oliveira, sóbrio, visitador constante, sempre presente em nosso modesto lar. José Naves Júnior, falecido no posto do dever, era paciente, manso e humilde. E Plácido da Rocha Pita, intrépido, desbravador valente, vibrante pregador. Tive o privilégio de ser seu obreiro bíblico, durante uma campanha evangelística.

Não posso esquecer a inspiração recebida dos pastores do tempo de internato: José Monteiro de Oliveira, exemplo de vida cristã e de inteligência; Paulo Marquart, outro exemplo de mansidão; e Horne P. Silva, pregador exímio, líder organizado, amigo, e extremamente cuidadoso com a liturgia.

Ser pastor, hoje, produz em mim uma indescritível sensação de gozo e realização pessoal. O ministério é uma atividade para ser bem vivida e desfrutada. Nunca lamentada e sofrida. Isso não significa que seja um trabalho fácil. Há incompreensões, sacrifícios, dificuldades mil. Mas que satisfação maior pode existir, do que saber-se um homem instrumento nas mãos de Deus, condutor de consolo para o pranto, alívio para a dor, cura para as feridas, luz para a escuridão, salvação para o perdido?

Nada existe ao longo do meu ministério que represente um motivo para incurável frustração, ou interminável desapontamento. Mesmo os erros cometidos, por mim ou contra mim, fazem parte do processo de aprendizado e de aquisição de experiência. “Em tudo dai graças”, diz o apóstolo Paulo. Muito mais intensas são as alegrias.

Como descreve o *Manual para Ministros*, pág. 32, “o soldado de Cristo não está isento de ferimentos e cicatrizes. Nenhum de nós a eles pode fugir. Mas quando enfim nos encontrarmos vitoriosos sobre o mar de vidro, com aqueles por quem tivemos trabalhando, o olhar de nosso poderoso Comandante descansará amorosamente sobre nós e notará essas cicatrizes que por Sua causa contraímos”. E então ouviremos dEle: “Muito bem, servo bom e fiel;... entra no gozo do teu Senhor” (S. Mat. 25:21).

“Conquanto a grande recompensa final seja dada na vinda de Cristo, o serviço feito de coração para Deus proporciona mesmo nesta vida uma recompensa. ... Todos quantos se entregam a Deus num serviço desinteressado pela humanidade, estão cooperando com o Senhor da glória. Este pensamento adoça toda fadiga, retempera a vontade, revigora o espírito para qualquer coisa que possa sobrevir. Trabalhando com coração abnegado, enobrecidos com o ser participantes dos sofrimentos de Cristo, partilhando de Sua compaixão, eles contribuem para avolumar a onda de Seu gozo, e trazem honra e louvor a Seu exaltado nome. Na companhia de Deus, de Cristo e dos santos anjos, são circundados de celeste atmosfera, que traz saúde ao corpo, vigor ao intelecto e alegria à alma” (*Obreiros Evangélicos*, pág. 513).

Neste “Ano do Pastor”, e a propósito do “Dia do Pastor” (quarto sábado de outubro), renovemos em nós o gozo de servir como pastores. — *Zinaldo A. Santos*.

MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Ano 64- Número 5 -Set/Out. 1993 -Periódico Bimestral
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

EDITORIAL

- 2** PASTORADO: UMA FONTE DE ALEGRIA
Zinaldo A. Santos
-

ARTIGOS

- 4** OPERAÇÃO ENOQUE
Elion Paixão Matos
-

- 6** MORTE COM TEMPO MARCADO
Horne P. Silva
-

- 9** ELA TAMBÉM MERECE SER LEMBRADA
Sharon Cress
-

- 12** VIVENDO A GRANDEZA DA VOCAÇÃO PASTORAL
Zinaldo A. Santos
-

- 17** MEU TESTEMUNHO SOBRE ESTUDO DA BÍBLIA - II
Mario Veloso
-

- 23** A NOVA ERA E A NOVA ORDEM MUNDIAL
Elizeu C. Lira
-

- 29** ISAÍAS: POETA, ESTADISTA E ORADOR
Volney Kühn
-

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Redator responsável:** Zinaldo A. Santos; **Diretor de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Josias Silva; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón, Daniel Belvedere, Jaime Castrejón; **Colaboradores:** Wilson Sarli, Pável Moura, Jefte Carvalho, Moisés Batista de Souza.
Capa: A. F. C.

Todo artigo ou correspondência para a Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 - 70279-970 - Brasília, DF.
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 - km 106 - 18270-000 - Tatuí, SP.

1470.9

Operação Enoque

ELION PAIXÃO MATOS
Pastor distrital em Eunápolis, BA.

O autor explica a maneira como tem realizado reuniões especiais de reavivamento em seu distrito. E mostra os resultados.

Falando sobre a maior necessidade da Igreja, diz Ellen G. White: "Um reavivamento da verdadeira piedade entre nós, eis a maior e a mais urgente de todas as nossas necessidades. Buscá-lo, deve ser nossa primeira ocupação. Importa haver diligente esforço para obter a bênção do Senhor, não porque Deus não esteja disposto a outorgá-la, mas porque nos encontramos carecidos de preparo para recebê-la. Nosso Pai celeste está mais disposto a dar Seu Espírito Santo àqueles que Lho peçam, do que pais terrenos o estão a dar boas dádivas a seus filhos. Cumpre-nos, porém, mediante confissão, humilhação, arrependimento e fervorosa oração, cumprir as condições estipuladas por Deus em Sua promessa para conceder-nos Sua bênção. Só podemos esperar um reavivamento em resposta à oração. ... Os antigos porta-bandeiras sabiam o que significava lutar com Deus em oração e fruir o derramamento do Seu Espírito..." (Mensagens Escolhidas, vol. 1, págs. 121 e 122).

Há mais de vinte e cinco anos, venho pesquisando com oração esse maravilhoso tema. Ele realmente me fascina. Por conseguinte, durante dezesseis anos de ministério pastoral, tenho promovido muitas reuniões e retiros espirituais para estudar e orar sobre o assunto. Convencionei chamar esse trabalho de "Operação Enoque", pois dele nos é dito que "perseverantemente manteve comunhão com Deus. Quanto maiores e mais insistentes eram os seus trabalhos, mais constantes e fervorosas eram as suas orações. Ele continuava a segregar-se em certos períodos, de toda a sociedade. Depois de permanecer por algum tempo entre o povo, trabalhando para os beneficiar pela instrução e exemplo, retirava-se para passar algum tempo em solidão, tendo fome e sede daquele conheci-

mento divino que somente Deus pode comunicar. Tendo desta maneira comunhão com Deus, Enoque vinha a refletir cada vez mais a imagem divina" (*Patriarcas e Profetas*, pág. 83).

Decidi não deixar passar o ano de 1993 sem experimentar em meu ministério um poderoso derramamento do Espírito Santo. Por isso, entrego-me cada dia ao domínio de Cristo em busca de vitória sobre minhas fraquezas humanas, a fim de proclamar ao mundo, com grande poder e com o rosto iluminado por Sua glória, a poderosa mensagem do terceiro anjo. Posso testemunhar que Deus está operando maravilhas em minha vida e em meu distrito.



Em busca do reavivamento

A “Operação Enoque” é desenvolvida dentro de um planejamento, cujos passos são enumerados a seguir:

1. Escolha do local – Pode ser uma fazenda, sede de acampamentos, ou outro lugar tranqüilo, afastado do burburinho da cidade.

2. Promoção – O plano é exposto à igreja. Nesse período, o convite é feito a irmãos que, voluntariamente, desejem participar do retiro que normalmente dura três dias. Os que quiserem, poderão jejuar durante o tempo que julgarem conveniente fazê-lo. A alimentação será basicamente frugal.

3. Tema para estudo – Um tema é escolhido para ser pesquisado na Bíblia, nos escritos do Espírito de Profecia, enfim, na literatura denominacional: Arrependimento, Conversão, Santificação, Espírito Santo, etc.

4. Orações específicas – As orações poderão ser feitas, obviamente, em favor de quaisquer assuntos, pessoas ou problemas. Mas uma congregação em especial, escolhida previamente, será o motivo delas. Esta é

sempre uma congregação que enfrenta desafios e lutas peculiares e, após o retiro, nela será realizada uma semana especial de reavivamento. Estamos diante de uma séria ameaça: “Estou a ponto de vomitar-te da Minha boca” (Apoc. 3:16), e devemos orar como os profetas fizeram no passado: “Poupa o Teu povo, ó Senhor” (Joel 2:17).

5. A dinâmica – Um dos pontos altos do Retiro Espiritual são as reuniões de terapia de grupo, onde cada um tem oportunidade de se expressar, partilhando experiências, preocupações e anelos; apresentando pedidos de oração. Então oramos uns pelos outros, até sentirmos a presença divina abençoando a todos. Se o número de participantes é grande, pode ser subdividido em grupos menores, com um líder para cada grupo.

6. O encerramento – O encontro sempre termina com a realização de um batismo, celebração da Santa Ceia e reunião de testemunhos.

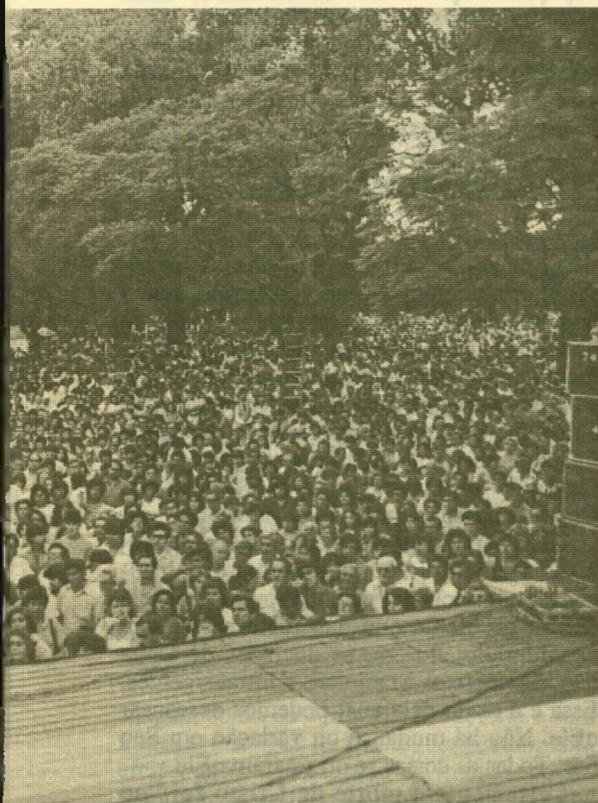
7. A continuidade – Para que não haja solução de continuidade, são organizadas várias equipes que cuidarão de realizar futuros encontros, enquanto o pastor repete a experiência com outras congregações. Cada grupo escolherá, com seu líder, o horário e o local de novas reuniões.

Os resultados

Após cada retiro, o sentimento é de que todos ficaram cheios do Espírito Santo e de Sua resultante fraternidade. Ocorrem reconciliações, evidencia-se um maior comprometimento com os ideais missionários da igreja e exercício da Mordomia cristã. Verifica-se uma grande disposição, entre os participantes, para manter mais comunhão com Deus, através da oração e do estudo da Bíblia.

Em termos práticos, depois que a “Operação Enoque” foi lançada, em 1991, o distrito de Eunápolis realiza batismos semanais, e, às vezes, há mais de uma programação batismal durante a semana. Dez novos lugares já foram penetrados, ocasionando a duplicação do número de igrejas e grupos. Planeja-se para o próximo ano, a divisão do distrito. O crescimento de dízimos, batismos e construções é animador.

Louvo a Deus, na certeza de que Ele está cumprindo Sua promessa entre nós.



OSMAR ORTIZ

Morte com tempo marcado

HORNE P. SILVA

Ex-professor de Teologia, jubilado,
reside em São Paulo

Falando aos cristãos romanos a respeito da justificação provida por Jesus, Paulo disse: "Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios" (Rom. 5:6).

A corrente lógica em Romanos 5:1-6 é que o crente, tendo sido salvo, tem todas as bênçãos que advêm da salvação. Não somente existe o contentamento subjetivo, ou o sentimento do amor de Deus, que traz o suprimento renovado de esperança, mas também há o fato subjetivo e histórico da morte de nosso Senhor Jesus Cristo. A morte ocorrida "a seu tempo".

A *American Standard Version* fala dessa morte como tendo acontecido "em sua estação"; e a *Revised Standard Version* diz que ela ocorreu "no tempo certo". A versão *Williams* usa a expressão "no tempo próprio"; a *Goodspeed* menciona "no tempo decisivo"; e a Bíblia de Jerusalém, "no tempo marcado". Contudo, a tradução francesa de Ségond aparenta ser a melhor de todas, e descreve: "no tempo apontado".

Tempo é uma palavra humana, apropriada para criaturas. Deus, o Criador, está além do tempo. O reconhecimento desse fato é de suma importância para a nossa vida espiritual. Damos um passo à frente na experiência cristã e na compreensão das coisas espirituais, quando tiramos a Deus do tempo e O colocamos em Seu verdadeiro *habitat* – a eternidade.

"Porque os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os Meus caminhos, diz o Senhor, porque assim como os Céus são mais altos do que a terra, assim são os Meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os Meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos" (Isa. 55:8 e 9).

Essa é uma das grandes passagens da Bíblia. Compreendendo-a tudo o mais será claro.

Muitos, provavelmente, crêem que é muito fácil compreender que os caminhos de Deus não são os nossos caminhos. Todavia, quando chegamos a uma aplicação prática, descobrimos que muitas pessoas desejam reduzir a Deus ao seu *status*. Nós somos criaturas do tempo. Não podemos contemplar a vida sem pensar no passado, viver as preocupações do presente e estar amarrados com os pensamentos das coisas vindouras.

A maioria de nós está ocupada com o presente trabalho para pagar contas futuras e assegurar a continuidade de vida. Assim, somos vítimas da experiência.

De acordo com o plano

Nós confessamos o fato de nossa própria criatura vivendo no tempo, sendo levada pelo tempo e carregada pelo desconhecido, a menos que tenhamos conhecimento de Deus, revelado em Sua Palavra.

É evidente que quando mencionamos que Cristo morreu "no tempo apontado", estamos ligando a morte a nós mesmos e nós a Deus. Devemos rejeitar a idéia de *Goodspeed* que Cristo "morreu num tempo decisivo".

Deus não faz decisões como fazem os homens. Fazer decisão implica em prévia indecisão ou ignorância; pelo menos a existência de um problema que não foi previamente considerado. Porém, as decisões de Deus não são decretos irracionais e intransigentes. Essa é a razão pela qual podemos descansar nEle. Não há mudança ou variação em Seu Ser. Todas as coisas se originaram nEle.

Certamente a morte de Cristo foi "no

tempo próprio” e “no tempo certo”, porque Deus e todas as Suas obras são perfeitas. Cristo morreu “no tempo apontado”. Tudo foi feito de acordo com um plano e ocorreu num tempo próprio.

A melhor maneira de interpretar a Bíblia é estudando a própria Bíblia. Ao ler o Novo Testamento, podemos ficar admirados ao verificar numerosos versos que expressam a mesma tese – a de que Cristo morreu de conformidade com um plano, num tempo certo. Em Apoc. 13:8, João fala que Cristo foi “o Cordeiro de Deus que foi morto, desde a fundação do mundo”. Tudo “...segundo o propósito dAquele que faz todas as coisas conforme o conselho da Sua vontade” (Efés. 1:11).

“Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos” (Gál. 4:4 e 5).

Aqui, o elemento tempo está ligado ao passado. A vinda de Cristo para morrer foi revelada na profecia. Assim definiu Paulo a essência do evangelho: “...que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras” (I Cor. 15:3).

Antes do tempo

No Dia de Pentecoste, Pedro se referiu a esse duplo elemento do tempo apontado e o cumprimento das Escrituras, associando-o à morte de Cristo.

“Varões israelitas”, disse o apóstolo, “atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós, com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dEle entre vós, como vós mesmos sabeis; sendo Este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós O mataste, crucificando-O por mãos de iníquos” (Atos 2:22 e 23).

Mais tarde, ao escrever sua primeira epístola, Pedro novamente correlaciona tempo e Escrituras em conexão com a morte de nosso Senhor. Ele escreve:

“Sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo, conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado no fim dos tempos, por amor de

vós” (I Ped. 1:18-20).

Semelhantemente, no livro aos Hebreus, também encontramos o fator tempo, Escrituras e a morte de Cristo entrelaçados. O escritor apresenta o contraste entre o sacerdote que oferecia um sacrifício diário, algo que agora era abominável, à vista de Deus, e o Senhor Jesus como o grande sumo sacerdote, que ofereceu um único sacrifício: “Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo Céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus; nem ainda para Se oferecer a Si mesmo muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no Santo dos santos com sangue alheio. Ora, neste caso, seria necessário que Ele tivesse sofrido muitas vezes desde a fundação do mundo; agora, porém, ao se cumprirem os tempos, Se manifestou uma vez por todas, para aniquilar pelo sacrifício de Si mesmo o pecado” (Heb. 9:24-26).

Colocando juntas todas essas passagens, podemos chegar às seguintes conclusões:

1) A morte de Cristo foi determinada “desde os tempos eternos, desde a eternidade”, e planejada por Deus.

2) No Velho Testamento, o plano de enviar Cristo e sacrificá-Lo por causa dos pecados dos homens, foi apresentado em detalhes.

3) Quando Cristo veio à Terra, Ele veio num tempo esquematizado e fixado por Deus.

4) Sendo que esses três pontos são verdadeiros, logicamente tudo o que foi planejado por Deus e apresentado por Ele nas Escrituras, teve seu cumprimento na morte de Jesus Cristo.

Vejamos, mais detalhadamente, cada um desses argumentos acima citados. A morte de Cristo, foi planejada na eternidade, antes da fundação do mundo. Nos conselhos eternos, os membros da Trindade determinaram que Cristo Jesus deveria vir à Terra e assumir a forma humana, com o propósito distinto de permitir a Si mesmo ser morto. É verdade que os judeus entregaram Cristo às autoridades romanas, que os gentios cravaram-no na cruz, causando a Sua morte. Porém, o fato mais importante de tudo, é que foi Deus, o Pai, quem O colocou na morte. Isaías o confirma: “Todavia, ao Senhor agradou moê-Lo, fazendo-O enfermar...” (Isa. 53:10).

No Novo Testamento, encontramos que foi Deus quem fez Cristo Se tornar “pecado por nós”. Ele que não conheceu pecado, “para que nEle fôssemos feitos justiça de Deus” (I Cor. 5:21). Isso foi possível pela determinação do “conselho e presciência de

Deus" (Atos 2:23).

Quando compreendemos que Deus o Pai permitiu que Cristo o Filho morresse, então compreendemos que a morte de Cristo foi o pagamento do amor de Deus, satisfazendo à Sua justiça, para resgatar os homens de seus pecados.

Quase é possível tomar-se qualquer versículo do Velho Testamento e relacioná-lo com a morte de Cristo. Mesmo no meio da primeira condenação sobre o pecador, Deus anunciara que enviaria o Redentor e que a semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente (Gên. 3:15). A mulher é Israel, a semente é Cristo Jesus. Um cordeiro substituto foi provido para purgar a iniquidade do pecador.

Foi determinado o lugar onde os cordeiros deveriam ser mortos, e uma condenação era pronunciada a qualquer um que oferecesse sacrifício fora de Jerusalém (Lev. 17).

Num relance, verificamos algumas profecias que se cumpriram com a primeira vinda de Jesus. Belém foi mencionada como o lugar do Seu nascimento (Miq. 5:2). Deveria nascer de uma virgem (Isa. 7:14). Sua morte foi profetizada pelo salmista (Salmo 22). E, notemos, tudo isso muitos séculos antes da fundação de Roma e da invenção da morte por crucifixação.

Daniel tinha certo conhecimento do plano de Deus, mas orou pedindo mais. Deus enviou-lhe o anjo Gabriel, que lhe deu uma revelação divina, a qual foi para o nosso conhecimento e orientação. O anjo disse a Daniel: "Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo..." (Dan. 9:24). A palavra aqui traduzida por "semanas" é uma palavra que se refere a períodos de sete anos.

Se usarmos a palavra *heptad* para sete anos, a passagem se tornará mais simples e compreensiva: "Setenta *heptads* estão determinadas sobre o teu povo (Israel), e sobre a tua santa cidade para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia, e para ungi o Santo dos santos".

Aqui é anunciado um período de setenta vezes sete anos ou 490 anos. Mas esse total é dividido em três seções: "Sabe, e entende: desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas; as praças e as circunvalações se reedificarão, mas em tempos angustiosos" (V. 25).

Dois destes períodos são sete vezes sete, ou 49 anos; 62 vezes sete, ou 434 anos. Restam-nos ainda sete anos para completar as

setenta *heptads*. A septuagésima semana, a última das setenta, ou os últimos sete dos 490 anos de graça concedidos aos judeus, seria teatro dos maiores acontecimentos em meio ao antigo povo de Deus.

Durante a última *heptad*, Cristo e os Seus discípulos sob o poder do Espírito Santo, expuseram o maravilhoso Concerto da Graça, atestaram a sua validade e a sua ratificação, e convidaram o povo para participar de suas bênçãos eternas. É interessante verificar que as citações de Paulo, Lucas, João, Pedro e o livro escrito aos Hebreus mostram que a vida e a morte de Cristo cumpriram satisfatoriamente as profecias do Velho Testamento.

Conclusão

Desta forma, podemos concluir que a morte de Cristo foi eternamente determinada e planejada por Deus e anunciada em detalhes no Velho Testamento.

Tanto a Sua vida como Sua morte foram traçadas meticulosamente sob um esquema acurado de tempo.

Inexoravelmente, os resultados espirituais que Deus anunciou, em conexão com a morte de Cristo, foram obtidos completamente.

Assim, torna-se mais clara a compreensão do texto inicial deste artigo: "Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu no tempo apontado".

Muito tempo antes de Cristo, multidões olhavam para o cumprimento das profecias acerca da vinda e morte do Salvador. "Por isso também de um, aliás já amortecido, saiu uma posteridade tão numerosa como as estrelas do céu, e inumerável como a areia que está na praia do mar. Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas, vendos, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra" (Heb. 11:12 e 13).

Vagarosamente passaram os anos, então a estrela foi vista no céu. Os homens sábios vieram para adorar Aquele que nasceu como Rei dos judeus. Enquanto os anos passavam, a profecia mais se aproximava dos seus últimos acontecimentos, e finalmente chegou a Primavera, o dia da Páscoa, o Calvário, a cruz, e Sua morte, seguida de uma triunfante ressurreição.

Os fundamentos de nossa confiança e de nossa esperança foram estabelecidos. Cristo morreu no tempo apontado, "na plenitude do tempo", por todos nós.

Ela também merece ser lembrada

SHARON CRESS

Coordenadora da AFAM internacional

O ano de 1993 foi designado como o "Ano do Pastor". Durante este período, a Igreja escolheu homenagear e reafirmar o valor do pastorado. E eu fico muito feliz por isso. Acredito mesmo que devemos aproveitar toda oportunidade para enaltecer e apoiar o pastor.

Entretanto, em meio a toda demonstração de afirmação, é importante não esquecermos a outra metade da equipe ministerial – a esposa do pastor. Duvido que em algum tempo, pelo menos muito breve, seja estabelecido um ano em sua homenagem. Poucas vezes nós reconhecemos a valiosa contribuição que a esposa do pastor presta à igreja onde serve lado a lado com ele.

Assim, com isso em mente, deveríamos aproveitar a oportunidade e celebrar também o "ano da esposa do pastor". E comecemos no lar! Que acha você, pastor, de tornar-se uma ajuda satisfatória para sua esposa? É possível fazer isso, auxiliando-a e empenhando-se em satisfazer as necessidades dela também. Por experiência própria, sei perfeitamente que aquilo que plantarmos colheremos. E isso é bíblico. Se você dedicar esforços e energias extras para tornar mais feliz, tranqüila e segura a sua esposa, você experimentará o chamado "efeito bumerangue" e receberá muitas bênçãos. Pense desta maneira: você pode afirmar-se em seu trabalho, ao procurar afirmar sua companheira de ministério.

Se você deseja colocar em prática algumas idéias, qualquer esposa de pastor poderia dar-lhe uma lista detalhada de suas necessidades pessoais. Mas, vamos considerar, em linhas gerais, algumas áreas nas quais podemos tornar este um melhor ano para nós – as esposas dos pastores.

Vivendo à sombra

Viver com um "homem santo" não é uma posição confortável no mundo. Usualmente os pastores estão recebendo reconhecimento da parte dos membros, por causa dos seus estimulantes sermões, altos alcançados, boa administração financeira, ou bem ministrados seminários e classes de estudos. Sua esposa necessita também desse reconhecimento. Faça isso verbalmente diante da igreja, sempre que tiver oportunidade. Valorize-a publicamente. Ouvir que o assado ou a torta que preparei estavam realmente deliciosos, possivelmente não construa tanto minha alta estima como ouvir meu esposo expressar à congregação o crédito por alguma idéia que lhe dei para um sermão, ou mesmo uma ilustração. Isso constrói minha confiança e torna a sombra um pouco mais aquecida.

Reconhecimento e apoio trabalham juntos. Quando sua esposa ouve críticas picantes a seu respeito, da parte de membros covardes o suficiente para não falar diretamente com você, ela o defenderá com a ferocidade de uma mamãe tigre. Faça o mesmo por ela. Se os membros acham-na aquém das expectativas, eleve-a. Defenda-a. Se você discorda de alguma coisa que ela disse ou fez, converse com ela em particular.

Jamais esquecerei de uma fatídica manhã de sábado quando em nossa igreja estava sendo projetada alguma coisa sobre trabalho missionário, no período entre a Escola Sabatina e o Culto Divino. De vez em quando as portas se abriam. Então, o barulho da congregação e de muitas crianças impossibilitava as pessoas que estavam sentadas mais ao fundo de ouvirem a apresentação.

Recrutei a força de dois diáconos e res-

ponsabilizei-me pela guarda das portas, mantendo o excesso de barulho confinado ao hall de entrada. Subitamente, enquanto o povo chegava e mais de cem adoradores, que aguardavam expectantes, sobrepujavam a capacidade da pequena dependência, a voz de Jim, meu esposo, ecoou: "O que está acontecendo? De quem foi esta idéia confusa?" Sem recuar, procurei explicar que nós estávamos tentando limitar a confusão ao hall, para evitar que o distúrbio impedisse as pessoas que se encontravam no santuário de ouvirem o que lá se passava. Em resposta ao seu protesto, insisti que nós deixaríamos a porta fechada até que a apresentação terminasse. Nesse momento, senti um silêncio entre a multidão, como se ela descobrisse que era muito mais interessante observar como Jim e eu discutiríamos os prós e contras da minha iniciativa. Posteriormente soube que a maneira de nos relacionarmos foi fartamente degustada no jantar de várias famílias naquele sábado.

Prioridade à família

Naturalmente as emergências acontecem, e os pastores estão sempre sobrecarregados. Eles são extremamente responsivos às situações de crise vividas por outras pessoas. No entanto, nem tudo no trabalho pastoral é uma emergência. Por exemplo: uma reunião de diáconos convocada apressadamente porque o irmão José não pode comparecer num outro dia, apenas para discutir um novo serviço de remoção do lixo; ou o emprego de boa parte da noite, preso ao telefone, acalmando a irmã Francisca que não gostou do jeito country da música apresentada na igreja.

Quando ocorrem conflitos de atividades, parece que as necessidades e os planos da família do pastor são as coisas que mais fácil e primeiramente devem ser canceladas. Muitas vezes nós tentamos ser compreensivos, muito embora o coração esteja magoado. Pense na mensagem que você comunica a seus familiares quando eles são retirados da sua lista de "deveres" sempre que "algo importante" aparece de última hora. É sua família a entidade mais dispensável e de menor importância para você? Nossa tendência é relegar as coisas consideradas menos importantes em favor daquilo que acreditamos ser altamente significativo.



É essa a mensagem que você deseja dar à sua esposa e a seus filhos? De vez em quando tente fazer de outra forma. Mostre-nos que somos, depois de Deus, o elemento mais importante em sua vida. Dispense alguém, ou cancele algo – pelo menos algo que não seja tão urgente. Deixe sua esposa saber que seu tempo com ela e com os filhos é uma prioridade para você. E, pelo exemplo, deixe os membros da igreja saber que a assistência à família deve ter prioridade acima de outros planos.

O voluntário mais solicitado

Resgare o tempo e as energias de sua esposa de serem reclamados para preenchimento de cada cargo que ninguém aceitou. Conquanto a esposa do pastor deva ser um exemplo de vida cristã ativa, lembre-se de que ela também pode ficar abatida. O cuidado de crianças pequenas e ao mesmo tempo o encargo de outras mil responsabilidades, absorvem seu tempo. Ela possui apenas as mesmas 24 horas diárias franqueadas a qualquer outra pessoa. Deixe bem claro para



os membros da igreja que você não espera que sua esposa seja responsável por tudo.

Enquanto você trabalha, conduzindo a congregação sob controle nesse assunto, ela não deve sentir-se ferida ao ter de reavaliar suas próprias expectativas. Também não a responsabilize automaticamente de secretariar todo o seu trabalho, fazer boletins, levar recados à igreja, porque você está “muito ocupado”, esquecendo-se de que ela também atua como sua guardadora pessoal de mensagens. Aliás, se ela permanece em casa a maior parte do tempo, convém ter uma extensão telefônica para recebimento de recados. Oriente os membros no sentido de ligarem em horários pré-determinados, caso necessitem tratar de assuntos rotineiros.

Mantenha-a informada

Eu não gosto de ser a última pessoa a saber que a irmã Joana ganhou um novo bebê, que a Comissão aprovou o plano de redecoração da sala do Jardim da Infância, que o irmão Antônio está seriamente enfermo no

hospital, ou mesmo que o irmão Roberto fez implante de cabelos. É desconcertante para sua esposa ir à igreja no sábado pela manhã, encontrar-se com o povo, falar a respeito das “últimas novidades”, e descobrir que não sabe nada do que já são “águas passadas”. A última coisa que você deve fazer, depois de um longo dia de trabalho, é contar-lhe os diversos acontecimentos. Lembre-se de que as mulheres gostam de ouvir notícias sobre as pessoas as quais elas amam.

Talvez você deva rabiscar algumas coisas importantes, interessantes ou engraçadas para partilhar. Aquilo que às vezes parece trivial para você, pode ser muito interessante para sua esposa. Partilhe as boas coisas com ela, não exatamente o fato de que o chefe dos diáconos queixou-se mais uma vez que alguém deixou as portas da igreja abertas. Repito: depois de um dia de trabalho, há muita coisa gostosa para conversar.

Tente estas “surpresas”

Ofereça-se para ficar com as crianças, a fim de que sua esposa possa descansar ou passear um pouco. Providencie o banho e a alimentação das crianças antes que ela chegue. E não espere até que ela esteja completamente exausta, para oferecer-lhe alguma ajuda.

- Complete um trabalho do qual ela particularmente não gosta. Diga-lhe algo, como: “Eu sei que você gosta de janelas limpas e brilhantes, mas não gosta de subir na escada para fazer esse trabalho. Cuidarei disso como um presente para você”.

- Planeje uma data que ela especialmente aprecia. Quem sabe, uma data que esteja relacionada com o período de namoro. Contrate uma babá e assumo completamente a responsabilidade pela noite. Melhor ainda, torne regulares tais ocasiões, a menos que alguma emergência obrigue o adiamento – não o cancelamento.

- Se ela necessita sair com o carro, esteja certo de que ele está limpo e em ordem.

- Aconteça o que acontecer, encontre uma maneira de dar-lhe um presente de você. Sua energia, seu tempo, você mesmo!

Se você deseja que 1993 seja realmente o “Ano do Pastor”, tente implementar essas idéias gerais e, como o pão lançado sobre as águas, a recompensa virá com um centuplicado reconhecimento a você!

Vivendo a grandeza da vocação pastoral

ZINALDO A. SANTOS

Redator-responsável da revista Ministério.

Ao designar 1993 como o Ano do Pastor, a Associação Ministerial definiu claramente os seus objetivos:

“1. Reafirmar e fortalecer a importância do ministério pastoral na mente de cada líder, pastor e membro da Igreja, como a tarefa mais solene e significativa à qual o homem pode dedicar-se.

“2. Enriquecer a comunicação entre os líderes e o pastor. Para alcançar essa finalidade, os administradores devem usar toda sua criatividade e aproveitar as oportunidades no sentido de reconhecer e divulgar a importância do trabalho do pastor, assim como a influência positiva de sua família no contexto da Igreja e da sociedade contemporânea.

“3. Reafirmar a teologia do perfil do pastor na sociedade moderna.

“4. Ampliar o conceito de unidade do pastor com os diversos segmentos da Obra de Deus, sua lealdade com a Igreja e a missão.

“5. Contribuir, de todas as maneiras possíveis, para que o ministério pastoral seja uma experiência mais eficaz, uma fonte de felicidade, gozo e realização para o pastor e sua família.”

Tudo isso nos convida a uma reflexão. Estaria algum segmento da Igreja, ou mesmo algum ministro, perdendo de vista a excelência do ministério pastoral? Em caso afirmativo, não deveríamos nós, os ministros, buscar resgatá-la inicialmente dentro de nós mesmos, antes de tentar reafirmá-la através de programas, eventos, ou meras palavras, diante dos membros? A Igreja sempre teve e terá uma resposta positiva à liderança pastoral, na medida em que vivamos a altura da santidade e da grandeza da nossa vocação. O nível de esclarecimento dos membros da Igreja, nos dias modernos, lhes dá condições de avaliar com sabedoria e justiça o grau de lealdade e coerência das

nossas atitudes diante dos postulados da Bíblia e do Espírito de Profecia relacionados com a nossa atividade.

Portanto, a oportunidade oferecida, a propósito do Ano do Pastor, para uma avaliação pessoal profunda e sincera, não pode ser desperdiçada por nenhum ministro da Igreja de Deus.

Por onde começar

O uso da figura do pastor aplicada ao líder de uma comunidade espiritual, como sabemos, tem sua origem na Bíblia. Aliás, esse é um dos mais antigos e fascinantes simbolismos bíblicos. Antes que o homem falasse de Deus como seu Pai, mencionava-O como sendo seu Pastor. Os escritores hebreus falaram de Jeová como um Pastor. Miquéias a Ele se referiu como Aquele que congregaria Israel “como ovelhas no aprisco, como rebanho no meio do seu pasto” (Miq. 2:12), e profetizou a respeito do Messias dizendo: “Ele Se manterá firme, e *apascentará* o povo na força do Senhor...” (5:4; grifo suprido). Jesus falou de Si mesmo como sendo “o Bom Pastor”, Aquele que “dá a vida pelas ovelhas” (S. João 10:11)

Na verdade, de todos os títulos conferidos ao nosso Senhor, nenhum é mais significativo do que “o Bom Pastor”. Ele jamais apresentou-Se a Si mesmo como sendo bispo ou sacerdote, administrador ou pregador, mas sempre como pastor.

Muitos outros textos bíblicos transbordam inspiração à obra pastoral, como o Salmo 23, descritivo de um terno e cuidadoso pastor, guia e protetor, disposto a colocar sua coragem e diligência a serviço do rebanho; Ou S. Lucas 15:3 a 7, que fala do pastor disposto a enfrentar perigos sem conta,

em busca da ovelha perdida. Tampouco deveríamos nos esquecer do pastor, alvo das admoestações feitas em Ezequiel 34.

A primeira tarefa de um pastor é pastorear. Evidentemente a Igreja cresceu e institucionalizou-se, suscitando a necessidade de líderes especialmente dotados pelo Espírito para gerir os vários aspectos dos negócios do Reino. Mas, não importa onde alguém esteja servindo – se à frente de uma congregação, promovendo algum departamento, administrando algum setor, numa sala de aula, ou no ambiente de uma redação, presidindo Mesas e comissões –, jamais deveria esquecer-se de que é um pastor. O grupo ao qual lidera é seu rebanho. Os assuntos que tem de tratar estão sempre diretamente relacionados com a exaltação de Deus diante dos homens, o crescimento e o bem-estar do rebanho, que é a Igreja. A mentalidade pastoral jamais deveria ser abafada ou substituída pelos maneirismos administrativos e gerenciais do mundo.

Essa era a visão prevalecente na Igreja primitiva. Com o passar do tempo, no entanto, verificou-se uma mudança na maneira de encarar e avaliar o trabalho pastoral. A situação é quase trágica na época atual, tão científica e materializada, na qual a tendência da valorização das coisas, acima das pessoas, é cada vez mais crescente.

Diz Roy Allan Anderson: “A igreja adquiriu o espírito da época, e está fazendo seu trabalho hoje como uma instituição grandemente organizada. Mas a igreja do advento começou sob a liderança de profundos estudantes da Palavra. Os pioneiros eram um grupo de homens e mulheres sumamente espirituais. A oração, o estudo e os freqüentes conselhos faziam parte vital de seu programa. Mas a tendência hodierna é dar ênfase a outras coisas. A capacidade de expor a Palavra e alimentar o rebanho, e a habilidade de confortar os contristados e de cuidar dos órfãos, até mesmo a piedade pessoal do obreiro, parece que necessitam ser negligenciados pela virtude do pesado programa desenvolvimentista colocado sobre os homens” (*O Pastor Evangelista*, pág. 485).

Quão necessário é que resgatemos urgentemente a excelência da vocação pastoral! “Estes dias são dias de rápido movimento. Tudo se mede pela velocidade. E se alguém tropeça e cai, antes de poder vir o auxílio é ele pisado a pés pela multidão que surge. Encontra-se o homem sem lar, em meio a

uma floresta de máquinas e forças incontrolladas, e milhões cogitam se vale a pena viver. Outros, procurando aliviar sua miséria, estão afundando na corrente da vida ante a música monótona, não sabendo para onde se dirigem, e julgam que ninguém disso se importa. Tais condições exigem pastores – fortes, sábios e bondosos, que possam simpatizar com as fraquezas do coração humano, e amar, pastores que não estejam tão ocupados que não possam gastar tempo deslindando problemas individuais e da comunidade. Por todas as partes há lares despedaçados e corações feridos. E estes exigem o cuidado de um pastor. Ao mundo não falta luxo, mas falta amor. Pastores eloqüentes, organizadores minuciosos, e ocupados executivos, todos eles têm seu lugar na igreja de Deus, mas o rebanho cresce na graça e na piedade sob o dedicado toque do pastor” (*Idem*, pág. 481).

Tendo bem claro o elevado conceito do trabalho pastoral, precisamos exteriorizá-lo em nosso dia-a-dia.

Mostrando os frutos

A grandeza do ministério pastoral será evidenciada nas atitudes e na vida do ministro. Seu falar e agir farão justiça a sua vocação. E a propósito disso, faremos bem em rememorar alguns aspectos da nossa conduta pessoal, através dos quais a excelência ministerial será vista.

1. Convicção do chamado – Num sentido missiológico, sabemos que o Senhor chamou a todos os crentes para a tarefa de evangelização. É o exercício do “sacerdócio real” a respeito do qual falou o apóstolo Pedro (I Ped. 2:9). Privilegiou, no entanto, alguns com o dom especial de pastorear, chamando-os para a tarefa de conduzir o Seu povo e de fazer expandir a influência salvadora do Seu reino. “Ser chamado de Deus, e ser comissionado do Céu, como um arauto do evangelho, é ao mesmo tempo a honra mais elevada, e o desafio mais solene. Não existe trabalho mais glorioso, nem trabalho mais exigente”, já dizia Anderson.

A convicção inequívoca do chamado divino é, indubitavelmente, um dos pilares do êxito ministerial. Paulo a possuía muito clara: “Quando, porém, ao que me separou antes de eu nascer e me chamou pela Sua graça, aprovou revelar Seu Filho em mim, para

que eu O pregasse entre os gentios, sem detença não consultei carne e sangue, nem subi a Jerusalém para os que já eram apóstolos antes de mim, mas parti para as regiões da Arábia, e voltei outra vez para Damasco” (Gál. 1:15-17). O chamado divino lhe era tão notório que ele não necessitou consultar a nenhuma outra pessoa para dirimir qualquer dúvida a respeito disso. Deus o tornara obreiro e ministro. E aí residia sua inquebrantável força.

A certeza do chamado não impede o surgimento de provas e dificuldades. Mas, em meio a elas, mantém acesa a chama do entusiasmo, da motivação e da vontade de avançar. Quem quer que a possua não recuará diante das pressões. Tampouco sentirá paz ou prazer em qualquer outra atividade.

É assim, divinamente compelidos, que devemos nos atirar ao trabalho, confiantes em que Aquele que nos chamou vai à frente.

2. Comunhão com Deus – “Por isso, como é o povo, assim é o sacerdote...” (Oséias 4:9). Essas palavras nos impõem uma tremenda responsabilidade. Se o pastor possui uma rica experiência espiritual, sem dúvida ele a transmitirá a sua grei. Caso contrário, o povo dificilmente se elevará acima dele. Daí a necessidade de profunda comunhão com Deus. Ellen White afirma que “há necessidade de oração, de oração muito fervorosa e sincera, como em agonia”. E se todo ministro recorrer sempre a Deus em oração fervorosa, “como em agonia”, o Senhor certamente lhe revigorará o espírito e agigantará a fé.

Pessoalmente e em família, jamais deveríamos prescindir do privilégio de comungar com Deus.

O pastor deve partir da base e que é um ser humano, falível e exposto constantemente a perigos que espreitam em toda a parte. Conhecendo essa situação, devemos orar com mais fervor. Desconfiando de nossa própria força, deveríamos confiar mais plenamente em Deus.

“Quanto mais perto vos chegardes de Jesus, tanto mais cheio de faltas pareceréis aos vossos olhos; porque vossa visão será mais clara e vossas imperfeições se verão em amplo e vivo contraste com Sua perfeita natureza. Isto é prova de que os enganos de Satanás perderam seu poder; que a influência vivificante do Espírito de Deus está a despertar-vos”, diz a Sra. White. E insta: “Consagrai-vos a Deus pela manhã; fazei disso vos-

sa primeira obrigação. Seja a vossa oração: ‘Toma-me, Senhor, para ser Teu inteiramente. Aos Teus pés deponho todos os meus projetos. Usa-me hoje em Teu serviço. Permanece comigo, e permite que toda a minha obra se faça em Ti.’” (*Caminho a Cristo*, págs. 64 e 69).

É nos momentos de comunhão com Deus, através da oração, meditação e do estudo da Bíblia que o pastor recebe de Deus para transmitir ao povo, pelo falar e agir. Esses momentos são indispensáveis.

3. Paixão pelas almas – O fundador do Exército da Salvação disse uma vez à rainha da Inglaterra: “Uns têm paixão pelo ouro; outros pela fama; outros ainda têm paixão pelo poder. Minha paixão, Majestade, é pelas almas.” Mas isso não significa desenfreada corrida em busca do cumprimento de alvos numéricos. Sua expressão maior é o amor que trouxe Cristo ao mundo.

Paixão por almas é Paulo referindo-se aos gálatas como “meus filhos, por quem de novo sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós” (Gál. 4:19). Ou Knox suplicando: “Dá-me a Escócia senão eu moro”. É David Brainerd tossindo sangue dos pulmões tuberculosos, quando sobre a neve orava pelos índios. É Jim Elliot e seus jovens companheiros manchando com sangue as areias de um riacho no Equador, em busca da ignorada tribo dos índios Auca para Cristo.

Deus ainda hoje necessita de homens impregnados com tal senso de missão, à semelhança do apóstolo Paulo: “Ai de mim se não pregar o evangelho” (I Cor. 9:16).

A verdadeira paixão pelas almas não se extingue quando elas são contabilizadas nos registros da igreja. Através de diligente e sistemático trabalho de visitação, o pastor continua a alimentá-las, nutrindo-as com o pão do Céu. Atendendo-as em suas necessidades, confortando-as em suas angústias. Animando-as nos momentos de provas. “Viva cada ministro como um homem entre os homens. Com bem regulados métodos, vá ele de casa em casa, levando sempre o incensário da fragrante atmosfera celestial do amor. Antecipe as tristezas, as dificuldades, as lutas dos outros. Penetre nas alegrias e cuidados tanto dos grandes como dos pequenos, dos ricos como dos pobres” (E. G. White, *Carta 50*, 1897).

4. Mentalidade de servo – Os princípios do reino de Deus são diferentes dos do mun-

do: "...Sabeis que os que são considerados governadores dos povos têm-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiores exercem autoridade. Mas entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós, será esse o servo de todos" (S. Mar. 10:42-44). Desta forma, a idéia de grandeza que encontramos nos ensinamentos e nas mensagens de Cristo, não combina com o que pensa o mundo sobre este assunto. Na Igreja, todos temos que assumir a condição de servos. Só Jesus Cristo é o Senhor da igreja. E nenhum ser humano pode ter a ousadia de ocupar essa posição.

Um homem chamado Diótfrefes, que João menciona em sua terceira carta (III S. João 9 e 10), tentou fazer isso e foi abertamente reprimido pelo apóstolo. Pode ser um pastor distrital, um departamental, administrador, ou qualquer outro líder, a mentalidade de Diótfrefes não tem lugar no Corpo de Cristo. Ninguém foi eleito, nomeado ou chamado para agir ditatorialmente na Igreja, mas para servi-la.

Evidentemente o pastor deve crescer para que possa prestar serviço, cada vez melhor, à Causa. Mas lutar para conseguir alguma "promoção", contemporizando ou planejando através de conchavos, significa a própria antítese do verdadeiro cristianismo. Quem quer que enverede por esse caminho se apaixonará pelo poder e não considerará os meios que utilizará para alcançar seus objetivos. Adulará amigos, pisoteará os menos amigos, contanto que seja o primeiro a qualquer custo.

Lembre-se, pastor: no sistema de Deus só existe uma casta – a de SERVOS. Não importa onde uma pessoa esteja atuando, desde que execute um ministério de serviço. Onde seja tida e vista como alguém que serve. Que se dá. O que realmente importa é a atitude. Não o título.

5. Ética ministerial – Alguém definiu a ética ministerial como "ciência moral". Trata-se de um elevado padrão de conduta humana que envolve consideração, respeito e cortesia pelos semelhantes. A Bíblia fala disso: "Finalmente, sede todos de igual ânimo, compadecidos, fraternalmente amigos, misericordiosos, humildes..." (I S. Ped. 3:8). "Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, bondade, fidelidade..." (Gál. 5:22). O corolário de tudo o que

se diz sobre a ética é: "Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles" (S. Mat. 7:12).

Esse tópico deve ser o tema de profunda meditação. O princípio que ele encerra deve nortear o tipo de relacionamento que devemos manter com nossos familiares, com os membros da igreja, com o colega antecessor ou sucessor, com aqueles que nos lideram ou aqueles aos quais lideramos. Como pastores, estamos lidando sempre com pessoas pelas quais Cristo deu a vida. Elas são mais importantes que quaisquer coisas. Seus sentimentos jamais devem ser desconsiderados, seja qual for o assunto tratado a seu respeito.

É certo, no entanto, que pode haver incompatibilidade de caracteres no relacionamento humano, mesmo entre ministros do evangelho. Isso aconteceu entre Paulo e Barnabé (Atos 15:37-40). Necessitamos possuir a especial graça do Senhor para aprender a solucionar, de modo cristão, todos os problemas que surgem. Atitudes e decisões incompreensíveis para nós, a respeito das quais nada podemos fazer para mudar, devem ser entregues "Àquele que julga retamente" (I S. Ped. 2:23). Ele Se encarregará de mostrar, no tempo oportuno, que "todas as coisas contribuem para o bem" (Rom. 8:28).

6. Atitudes para com o sexo oposto – Ainda não é exaustiva a repetição do alerta sobre o cuidado que o pastor precisa manter no trato com a figura feminina. Especialmente nestes dias em que, em nome da boa comunicação e de um relacionamento descontraido entre as pessoas, muitos tabus foram quebrados.

Do pastor, espera-se que seja simpático, atencioso, elegante e cavalheiro ao lidar com qualquer pessoa. Inclusive, claro, as mulheres, cuja colaboração lhe é indispensável. Elas não existem para lhe criar problemas, e grande parte do trabalho feito na igreja é realizado por elas. A maioria das mulheres cristãs demonstra possuir uma experiência espiritual elevada e exemplar.

Mas o inimigo da Causa de Deus pode valer-se daquela atenção dispensada a alguém em especial; daquele demorado aperto de mão; daquele olhar; ou daquela entrevista a sós, para lançar em desgraça duas ou mais vidas que poderiam ser empregadas a serviço do Senhor.

"Abstende-vos de toda a aparência do mal" (I Tess. 5:22), adverte o apóstolo. E se

A Época atual exige um ministério poderoso, de alto nível, composto de homens espirituais.

hoje lamentamos a perda de valorosos pastores do passado, é devido à minimização desse conselho.

Absoluta dependência de Deus e, conseqüentemente, vigilância, prudência, discernimento cristão, bom senso e equilíbrio são indispensáveis ao ministro neste aspecto. Sem falar na proteção que representa uma esposa cristã, constantemente empenhada em manter-se atraente e sedutora para ele.

7. Equilíbrio financeiro – As difíceis condições de sobrevivência do mundo atual podem representar para muitos um convite à realização de side-line para engordar o rendimento familiar. A prática velada ou não desse expediente também contradiz a grandeza da vocação pastoral. Deus requer de nós irrestrita lealdade: “Nenhum soldado em serviço se envolve em negócios desta vida, porque seu objetivo é satisfazer Àquele que o arremontou” (II Tim. 2:4).

“Todas as energias do ministro são necessárias a sua elevada vocação. O que há de melhor em suas faculdades, pertence a Deus. Ele não se deve meter em especulações, ou em qualquer outro negócio que o desvie de sua grande obra” (*Obreiros Evangélicos*, pág. 339).

Ao enviar os primeiros doze apóstolos, ordenou-lhes: “Não vos provereis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos; nem de alforje para o caminho, nem de duas túnicas, nem de sandálias nem de bordão”, o que não significa adotar um estilo de vida descontextualizado da época. O princípio implícito é o de simplicidade e não envolvimento pela febre consumista de nossos dias. Junto com a ordem, Cristo garantiu o sustento dos Seus servos: “por-

que digno é o obreiro do seu salário” (S. Mat. 10:9 e 10).

Ao serem colocados em prática princípios elementares de economia, o que parecer pouco, com a bênção do Senhor, será multiplicado e as necessidades serão satisfeitas. O sábio controle de um orçamento familiar cuidará para que as saídas não sejam maiores que as entradas, livrando assim o pastor do perigo das dívidas.

Sinta você mesmo, pastor, a alegria de ter sido escolhido e chamado. Se for necessário um sacrifício para manter-se dentro desse imenso privilégio, compensa fazê-lo. A recompensa virá. Seu chamado é nobre e altíssimo. Não o troque por qualquer outro trabalho no mundo.

Conclusão

Os dias atuais, os últimos e os mais difíceis da nossa história, exigem um ministério poderoso, de alto nível, composto de homens de mentalidade espiritual. Nossa luta é espiritual, a Causa de Deus é espiritual. Temos de ser homens espirituais. A Igreja espera ver pastores com o perfil traçado acima.

“A Causa de Deus encontra-se neste tempo, em necessidade de homens e mulheres possuidores das raras qualidades e boas aptidões administrativas; homens e mulheres que investiguem paciente e inteiramente as necessidades da Obra nos vários campos; que sejam dotados de grande capacidade de trabalho; que possuam coração fervoroso e bondoso, cabeça refletida, bom senso, juízo imparcial; que sejam santificados pelo Espírito de Deus, e possam dizer destemidamente Não, ou Sim, ou Amém, aos planos propostos; que tenham fortes convicções, entendimento claro, e coração puro e compassivo; que ponham em prática as palavras: ‘Todos vós sois irmãos’ (S. Mat. 23:8); que se esforcem por erguer e restaurar a humanidade caída.” (*Obreiros Evangélicos*, págs. 424 e 425).

Nestes dias decisivos, e a propósito do “Ano do Pastor”, a fervente súplica de cada ministro de Deus deve ser no sentido de que Ele lhe conceda ser um possuidor dessas “raras qualidades”. Somente assim, e através da ação do Espírito Santo, serão atingidos os propósitos deste ano especial e, sobretudo, os propósitos de sua excelente vocação.

Meu testemunho sobre estudo da Bíblia – II

MARIO VELOSO

*Doutor em Teologia, é secretário na
Associação Geral*

Método estrutural

O método crítico-histórico estudava a Bíblia com uma aproximação crítica racional, ajudado por um paradigma histórico. Os seguidores desse método viam o texto bíblico como um agrupamento de fontes, úteis apenas para reconstrução de “algum tipo de processo histórico”.

Antes de 1970, foi desenvolvido um novo paradigma na literatura e nos estudos sócio-antropológicos. Nesses estudos, o nome de Claude Lévi-Strauss surge com maior destaque. Seu livro *Structural Anthropology* foi lançado em 1963. Na área dos estudos lingüísticos houve nomes importantes tais como o suíço Ferdinand de Saussure, cujo livro foi traduzido para o inglês, em 1966, sob o título *Course in General Linguistics*, e o estruturalista francês Roland Barthes que publicou, em 1970, o livro *Writing Degree Zero and Elements of Semiology*. Depois desses livros, desenvolveu-se uma visão do homem, baseada na filosofia materialista de Karl Marx (1818-1833) e na psicanálise de Sigmund Freud (1856-1939).

O novo paradigma ou expressão em linguagem – tomado como categoria fundamental para se compreender o texto – ajudou a desenvolver uma cada vez mais humanista e profundamente sociológica aproximação dos estudos da Bíblia, na Europa e nos Estados Unidos, durante os anos setenta.

A cultura contemporânea, centralizada no homem, necessitava de um método que pu-

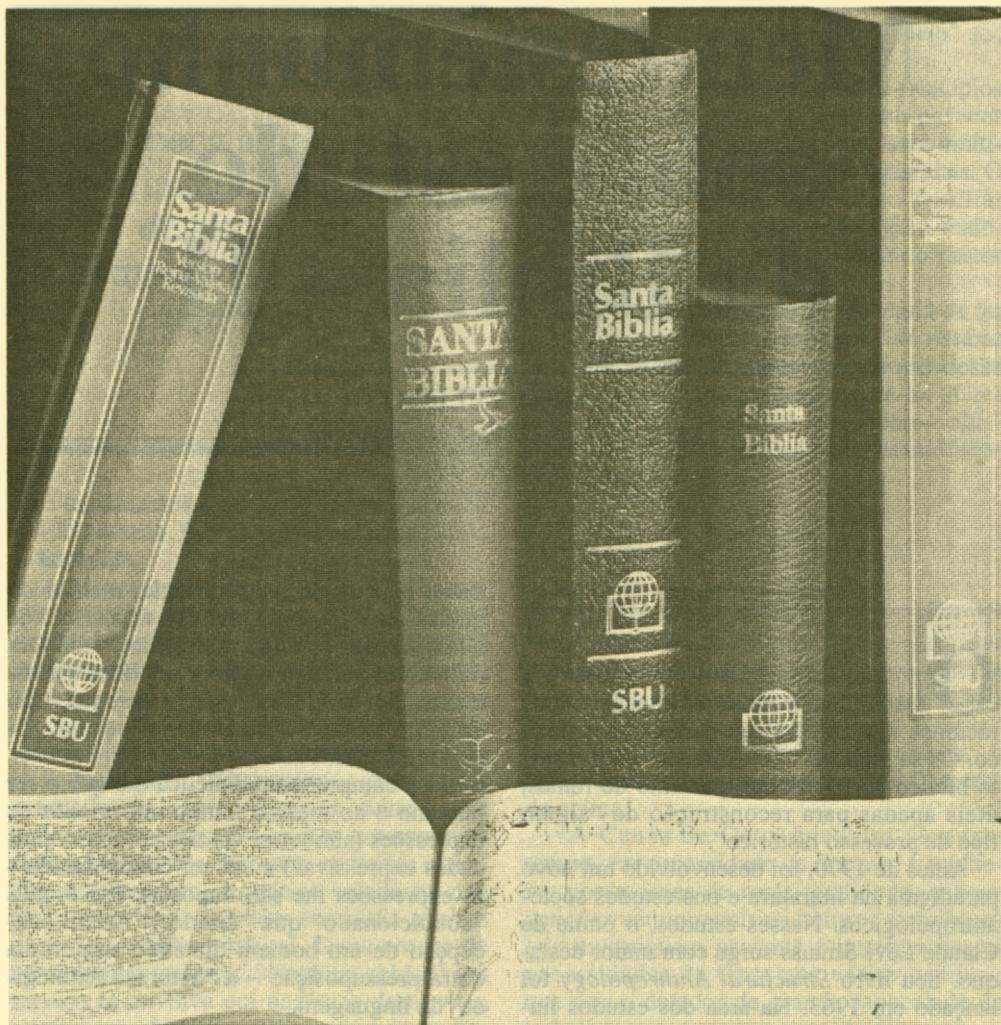
desse derivar da Antropologia, melhor do que de uma Teologia revelada ou mesmo de qualquer tipo de visão do mundo. Nada fora da pessoa humana poderia ser bom o suficiente, por si mesmo, para a compreensão do texto bíblico, apenas uma moderna “visão do homem”.

Essa compreensão dialética diz que o ser humano é ao mesmo tempo um criador de expressões (símbolos, valores culturais, entidades expressivas) e um ser condicionado – as expressões lhe são impostas. Ele é mais “condicionado” que “criador”. Dessa concepção de um homem dialético surge uma outra pressuposição – a “natureza ontológica” da linguagem.

Influência cultural

O homem expressa significados através da linguagem usada, mas esses significados não são vertidos por ele para a linguagem. Pertencem a ela. Portanto, quando uma pessoa estuda o texto bíblico deve conhecer a “natureza ontológica” da linguagem. O significado ou conteúdo que nós procuramos no texto bíblico não vem de Deus, mas da própria linguagem.

A linguagem em um determinado texto é uma linguagem morta. Se qualquer pessoa desejar tirar uma mensagem desse texto, deverá conduzi-lo à vida através de um diálogo. Mas não um diálogo no qual a pessoa ouve o texto e recebe a mensagem de Deus. Esse é um diálogo com um texto que age



William

como um espelho fixo. A coisa viva que é vista no espelho não é o que ela vê em si, mas é sua própria imagem formada pela cultura particular à qual essa pessoa pertence.

De acordo com essa pressuposição – visão dialética do homem, natureza ontológica da linguagem e leitura cultural do texto – o criticismo estrutural não vê qualquer significado vivo ou mensagem de Deus no texto bíblico, mas um significado imposto sobre a estrutura do mesmo pela cultura dos leitores. Uma vez que é necessário trabalhar com a estrutura do leitor, não deve haver preocupação com o que o autor do texto quer dizer, mas com a estrutura deste. No máximo com o conteúdo cultural, mas nunca com a estrutura pessoal divina contida nas Escrituras.

O autor bíblico pode até ter trabalhado

conscientiosamente com uma estrutura literária em mente, mas sempre com uma estrutura lingüística. Sua única preocupação era com a estrutura pessoal divina contida, ou com a mensagem que Deus lhe dera para transmitir. Embora o criticismo estrutural não pretenda negar a existência desse conteúdo, ele o considera insignificante para a exegese estrutural. O único significado de um texto, reconhecido pela crítica estrutural, é sua estrutura lingüística como seu verdadeiro conteúdo.

Eu penso que qualquer método humanístico para estudo da Bíblia jamais deveria ser capaz de tirar da Escritura a comunicação de Deus para a humanidade. Por uma razão simples – esse método não pressupõe a existência de tal comunicação. Exatamente

como alguém nem mesmo tentaria encher um balde com água “tirada” do leito seco de um rio, um cristão nada tem a ver com o método crítico-estrutural. Nem mesmo para realizar estudos. Quem sabe esse tipo de método possa ser útil para produções literárias humanas, mas nunca para revelações divinas. Agora estamos prontos para outras considerações.

Dois livros cruciais

Há dois livros escritos por eruditos alemães que se tornaram muito importantes e cruciais para o método crítico-histórico: *The End of the Historical-Critical Method*, publicado por Gerhard Maier em 1974, e *Historical Criticism of the Bible: Methodology or Ideology?* escrito por Eta Linne-mann, em 1986.

Escolhi falar sobre esses dois livros porque seus autores não argumentam a partir de uma perspectiva evangélica conservadora, ou adventista, usualmente rotulada como tendenciosa ou intelectualmente ingênua. Maier e Linne-mann são especialistas em estudos do Novo Testamento e pertencem ao crescente grupo de intelectuais, profissionais do método crítico-histórico, para os quais a erudição crítica histórica está morrendo, concordando perfeitamente com W. Wink, ex-professor do Seminário Teológico União, em Nova Iorque, que afirmou há vinte anos: “O criticismo histórico está falido.”

O fim do método crítico-histórico

Gerhard Maier inicia seu livro com duas importantes perguntas: É o método crítico-histórico adequado para ser usado com a revelação? Qual é o propósito desse método? Nos dois primeiros capítulos – que tratam da impossibilidade do método crítico-histórico e seu fim atual – Maier responde essas questões. O terceiro e último capítulo é uma proposição e uma justificação do método bíblico histórico.

A resposta à primeira pergunta feita por Maier é um inequívoco “não”. Por muitas razões, das quais nos ocuparemos a seguir:

Primeira, é impossível descobrir o cânon no cânon. O método crítico-histórico está tentando explicar a Palavra de Deus a partir das Escrituras, onde os críticos históricos

Um cristão adventista nada tem a ver com o método crítico-estrutural.

crêem que ela está exposta. Mas a Bíblia não dá a chave para distinguir entre as duas.

Segunda, porque a Bíblia não se permite dividir entre uma “Escritura divina” e uma “escritura humana”.

Terceira, a revelação é mais que um assunto subjetivo. Para Marxsen, determinação de legitimidade canônica consiste em que os evangelistas “transmitam o assunto... a revelação” de uma maneira que ele possa ser preservado ou restaurado em outro ambiente, em tempos posteriores. Mas revelação é mais que conteúdo formal; é também pessoal, diz Maier. A Bíblia está repleta de sentenças como: “E disse Deus”, “Veio a mim a Palavra do Senhor”, “E Jesus, respondendo, disse”, “Assim diz o Senhor”, etc. Um método que trabalha com categorias de conteúdo-assunto, quando confrontado com esta estrutura-pessoa da Bíblia, não pode compreender seu tema corretamente.

Quarta, a conclusão é estabelecida anterior à interpretação. Em seu surgimento, o método crítico-histórico estabeleceu a conclusão segundo a qual, de acordo com as palavras de Kaesemann, a adesão por parte de alguém à impossibilidade de qualquer crítica para com as Escrituras, “conduz não apenas à multiplicidade de confissões, mas também à confusão entre fé e superstição”. Se não existe chave para distinguir entre uma Bíblia “humana” e outra “divina”, está, porventura, um método previamente submetido à essa crença capaz de resolver a questão sobre o que é inspirado e o que não é? Seguramente não.

Por tudo isso e muito mais, o método crítico-histórico não é apropriado para manusear as Escrituras.

O propósito do método crítico-histórico é encontrar o cânon dentro do cânon. Gerhard Maier mostra a impossibilidade de atingir esse objetivo lançando mão do conteúdo de um livro escrito por 15 autores, compilado por Ernst Kaesemann e publicado na Alema-

na, em 1970, com o título *Das Neue Testament als Kanon* (O Novo Testamento como Cânon). Os artigos foram escritos entre 1941 e 1970, apenas por representantes do método crítico-científico. Na verdade, todo o livro é um testemunho de exegetas, teólogos sistemáticos e historiadores da igreja.

Testemunho de exegetas. Maier toma de H. Braun, um adepto da escola bultmaniana, a seguinte conclusão sobre a pesquisa envolvendo o cânon no cânon: “Não mais que uma idéia subjetiva tem sido estabelecida”, acrescentando que “o método crítico-histórico – fundamentado na autoridade humana – logicamente conduz a isso, ou seja, que o próprio homem apareça como a norma no cânon real. O homem, que começa criticamente a análise da revelação, e descobre por si mesmo o que é normativo, encontra no fim da estrada a si mesmo”.

Testemunho de teólogos sistemáticos. Herman Diem afirma: “Não existem padrões permanentemente válidos para estabelecer um cânon no cânon”. W. Joest, leva em conta “a experiência espiritual da igreja” e define o cânon dentro do cânon – “aquilo que ensina Cristo” é canônico. Nesse ponto ele concorda com a compreensão exegeta de Kaesemann: “Nós mantemos que o conteúdo da proclamação reformadora e paulina da Justificação é a interpretação central da Palavra de Deus através de Jesus Cristo, para nós em nossa situação”. Por que é somente a proclamação paulina e reformadora da Justificação a norma de interpretação para nós em nossa situação? Joest não substancia essa visão melhor que Kaesemann. A Teologia Sistemática, segundo a exegese crítico-histórica, falha em “subjetividade” e em “uma sempre crescente tensão contra a experiência espiritual da congregação”.

O testemunho dos historiadores da Igreja. Em um historicamente pesado artigo, K. Aland enfatiza que cada denominação “desenvolve uma manipulação própria do cânon”. Juntamente com ele, Hans von Campenhausen acentua a experiência dos cristãos primitivos – e de outros tempos – para compreender o Novo Testamento. Tal experiência é “uma unidade espiritual” que ajuda a encontrar o “único significado” do Novo Testamento. Historiadores da Igreja também estão clamando pela mesma subjetividade que os teólogos sistemáticos conseguiram dos críticos exegetas. Eles buscam compreender a História com a ajuda de um câ-

non real que formou a experiência espiritual da Igreja, e ao mesmo tempo permanecem olhando o “cânon no cânon”, como definido pela moderna exegese crítica.

Em suma, as conclusões de Maier são as seguintes: 1) Os exegetas críticos não podem conceber a Escritura como uma unidade, mas como uma coleção de diversos testemunhos contraditórios com vários graus

Quem quer que se envolva com Teologia crítico-histórica está em situação de perigo.

de validade. 2) Eles crêem que o cânon formal não pode ser igualado com a Palavra de Deus, que a Palavra de Deus e as Escrituras são duas coisas diferentes, e que existem contradições no Novo Testamento. 3) Depois de dois séculos de erudição crítica em exegese, Teologia Sistemática e História da Igreja, o método crítico-histórico falhou porque ninguém está em posição de convincente e significativamente definir um cânon no cânon. 4) Desde que cada teólogo tem uma idéia própria sobre o cânon no cânon, e desde que o cânon deve ser definido com a pressuposição de que cada um deles deve ser livre para escolher seu próprio caminho, “irrestrita subjetividade deve ter a última palavra sobre o que deve ser de autoridade divina”. 5) A impossibilidade de definir o cânon dentro da Escritura e a necessidade de manutenção da liberdade, forcem os teólogos sistemáticos a pesquisar a unidade das Escrituras fora da Escritura. Os católicos romanos refugiam-se nos ensinamentos dos oficiais da Igreja. Os protestantes, na experiência espiritual da congregação. Assim, a Igreja levanta-se acima da Escritura e coloca-se sob o domínio do método crítico-histórico.

A armadilha sutil, urdida pelo método crítico superior resultou em um novo Cativeiro Babilônico para a Igreja. Ela tornou-se mais e mais isolada das vivas correntes de proclamação bíblica, e portanto mais e mais

desnorteada e cega em seu próprio curso, e também em relação à sua influência no mundo. Por outro lado, exegetas, teólogos sistemáticos e historiadores, uma vez que trabalhem dissociados da Bíblia e das congregações que consideram as Escrituras como a Palavra de Deus, por causa do método crítico-histórico, viverão semelhante experiência.

Metodologia ou ideologia?

Esta Linnemann foi aluna dos melhores professores que a Teologia crítica-histórica poderia oferecer – Rudolf Bultmann, Ernst Fuchs, Friedrich Gogarten e Gerhard Ebeling. Como erudita do Novo Testamento, tornou-se professora de Teologia e Educação Religiosa na Universidade Técnica Braunschweig, Alemanha, e professora honorária de Novo Testamento na Faculdade de Teologia da Universidade Philipps, em Marburg, Alemanha. Membro da Sociedade de Estudos do Novo Testamento, ela escreveu dois importantes livros sobre crítica histórica – um deles traduzido para o inglês: *Jesus of the Parables*. O outro está em alemão. Também escreveu muitos artigos.

A conclusão básica de Linnemann, depois de uma vida inteira dedicada à Teologia crítica-histórica, como ela mesma diz, é dupla: 1) Nenhuma “verdade” poderia emergir deste trabalho científico sobre o texto bíblico, e 2) tal atividade não serve para a proclamação do evangelho. O método crítico-científico destrói a doutrina e a missão.

Buscando provar o que diz, ela divide o livro em duas partes: uma, intitulada *Christianity and the Modern University*, dedicada à moderna universidade ocidental, uma instituição dedicada ao “paganismo” (Aristóteles, Platão e outros filósofos) e ao “humanismo”. Isso era verdade no início, quando a Universidade de Atenas foi fundada em 529 a.C., e continua sendo verdade com o reestabelecimento das universidades européias – *Universitas Magistrorum et Schlarium*, de Bologna, e a Universidade de Paris – e com as muitas filosofias humanísticas e o método crítico-científico baseado nas universidades modernas.

A segunda parte do livro trata da Palavra de Deus e a Teologia crítico-histórica. Essa parte ela denomina de “chamado para arrendimento”.

Dois capítulos são especialmente relevan-

tes: o sexto e o oitavo. O título do capítulo seis é *The Study of Historical-Critical Theology* e é dedicado à explanação do que é esse método e quais são seus principais problemas. Não vamos nos deter aqui, porque seu conteúdo é muito semelhante ao que já foi tratado sobre o livro de G. Maier. Não é que Linnemann tenha se baseado naquele livro, mas qualquer discussão ou descrição sobre esse método suscitará tais itens. O capítulo oito, *The Mentality of Historical-Critical Theology*, no entanto, conduz a uma definição do método, ajudando-nos a ver o perigo e os problemas decorrentes de se construir uma teologia baseada nele.

Linnemann vale-se de um livro escrito por Werner Georg Kümmel, eminente teólogo com tendências mais conservadoras do que críticas, portanto um moderado advogado do criticismo. Fundamentada no estudo de tal livro ela faz algumas observações. A primeira se refere a uma enganosa teologia. Kümmel diz: “Na segunda metade do século dezoito, junto com o movimento intelectual do Iluminismo, dentro da Teologia protestante começou a prevalecer que a Bíblia é um livro escrito por homens, e que, como qualquer produto da mente humana, pode perfeitamente ser compreendido em sua época e, portanto, apenas com os métodos da ciência histórica”. Esse é um conceito enganoso. Ele leva o leitor para a idéia de “que deve aceitar a Bíblia apenas como um produto da mente humana... e não pode ser manuseado diferentemente de qualquer outro produto da atividade humana.” Esse “fato” aparentemente estabelecido engana o leitor, fazendo-o crer que existe nele um “conhecimento” estabelecido “como resultado de pesquisas que ganharam o domínio e o reconhecimento geral” nas ciências em séculos passados.

O suposto conhecimento foi, na verdade, apenas uma decisão. Uma pequena minoria entre os membros da elite de intelectuais ocidentais decidiu considerar o homem como medida de todas as coisas (humanismo). Uma decisão feita por uns poucos, ganhou tal importância que “na Alemanha mesmo crianças... são doutrinadas com essa visão”.

A segunda observação feita por Linnemann é que a base dessa ciência é o engano. Se alguém quer ser um especialista em Teologia tem que cortejar o “ateísmo”. Tal indivíduo poderia reter seus “sentimentos piedosos”, mas seus “pensamentos” devem ser

submetidos ao princípio “como se Deus não existisse”. Tanto a Teologia crítico-histórica como a Historiografia crítica têm suas bases no engano.

Terceira observação: a Teologia crítico-histórica é uma cavilação demagógica. Uma vez que os críticos concluem que a Bíblia “é o produto da mente humana”, foi muito fácil para eles o estabelecimento de que ela somente poderia ser compreendida “com o método da ciência humana”. Linnemann comenta: “Esse tipo de cavilação demagógica é provavelmente a estrutura básica, não apenas da Teologia crítico-histórica, mas também de uma classe completa de disciplinas em humanidades. A linguagem de tal demagogia começa com expressões tais como: ‘como qualquer um pode ver...’, ‘cada um deve reconhecer...’, ‘a conclusão inescapável é...’, ‘não se deve passar por alto que...’”, etc.

Segundo a quarta observação feita, a consequência da consistente aplicação do método crítico-histórico é a atomização da Bíblia. Kümmel afirma: “Alguém simplesmente não poderia parar no meio do caminho; se a Bíblia deve ser investigada historicamente como a palavra de autores humanos, para compreensão do seu significado atual, então não se pode nem se deve aderir à pressuposição de que a forma do Velho e do Novo Testamentos, cada um por si, consiste numa unidade conceitual. Deve-se levar em conta as diferenças entre os dois Testamentos e o possível desenvolvimento de adulteração de idéias. Conseqüentemente a preocupação a respeito de uma Teologia do Novo Testamento encontra-se, desde o início, confrontada com o problema da diversidade e da unidade no Novo Testamento.” Linnemann comenta: “alguém acaba aceitando pedaços, sem reconhecimento do contexto vivo”. E, pior, considerando as declarações bíblicas como uma “adulteração” de idéias.

Na quinta observação, Linnemann diz que a Teologia crítico-histórica dissolve “a unidade da Bíblia”, por assegurar que “a Palavra de Deus não pode servir muito como seu próprio intérprete. Alguém pode até encontrar fatos e verdades nela, mas são apenas ‘pressuposições’ e ‘hipóteses’”.

Em resumo, o testemunho de Linnemann pode ser estabelecido com dois conceitos que ela claramente expõe: aceitação de Jesus Cristo e rejeição total da Teologia

crítico-histórica. “Por que dizer ‘não’ a essa teologia? Eu tenho sido confrontada com essa questão e quero estabelecer desde o início meu ‘não’ à Teologia crítico-histórica em oposição ao ‘sim’ para meu Senhor e Salvador Jesus Cristo, e à gloriosa redenção que Ele efetuou por mim no Gólgota.”

Em oposição a Kümmel que diz não haver “outro acesso” para a compreensão dos escritos do Novo Testamento além de uma aproximação crítico-histórica, ela diz mais: “Nenhum outro acesso? Ai de quem se levantar diante do julgamento de Deus com tal afirmação! Eu sou grata ao sangue de Cristo que lavou meus erros! Durante minha vida anterior fiz tais afirmações irresponsáveis também. E quem quer que se envolva com a Teologia crítico-histórica, estará em tal situação de perigo.”

A rejeição do método crítico-histórico não pode ser feita parcialmente. Quem guarda um pouco dele, guarda-o por inteiro. Quando Linnemann compreendeu que seus pensamentos anteriores estavam errados, desfez-se de seus dois livros, suas contribuições para jornais e revistas, escritos sob a perspectiva crítico-histórica. “Atirei-os ao lixo com minhas próprias mãos, em 1978”, disse. “E advirto sinceramente que as pessoas façam o mesmo com qualquer material semelhante que possuam em seus arquivos ou biblioteca.”

Conclusão

Meu testemunho é uma profunda convicção. Eu creio que a Bíblia é a Palavra inspirada de Deus. Nenhum método crítico científico ajudará um cristão adventista do sétimo dia a ter melhor compreensão das Escrituras, porque esse método trata a “Palavra de Deus” como um pedaço de literatura humana. Ele elimina a experiência espiritual real com Deus através das Escrituras. Eu não quero privar-me disso. Quero estar particularmente relacionado com Deus – um Deus vivo, pessoal, ativo, e sempre presente – a Cristo, ao Espírito Santo, à Igreja que Eles estabeleceram na Terra, e à verdade que Eles revelaram nas Escrituras à humanidade. Por isso eu rejeito totalmente qualquer método moderno, científico, humanístico e crítico para estudo das Escrituras.

A Nova Era e a nova ordem mundial

ELIZEU C. LIRA

Redator na Casa Publicadora Brasileira

Temos analisado exaustivamente a relação do Movimento Nova Era com os eventos finais da História. Porém, assim como a Nova Era é maior do que imaginávamos, a sua rede de interesses e pretensões possui um alcance muito maior do que tudo o que foi até agora analisado. Esse movimento pretende alterar radicalmente o quadro atual do mundo, as relações sociais, econômicas e políticas entre os povos. Seu intento é amplo e inclui o domínio do mundo. Para que isso ocorra, inúmeros alvos são perseguidos. Eles fazem parte do grande "Plano" de diretrizes do movimento, que implica no estabelecimento de uma nova ordem mundial, de um governo mundial e de uma nova religião mundial.

Como "estações" intermediárias rumo a esses alvos, podem ser destacados os seguintes objetivos:

1. Um sistema universal de cartões de crédito.
2. Uma central mundial para distribuição de alimentos.
3. Um sistema de impostos unificado mundialmente.
4. Um serviço militar obrigatório, também em escala mundial.
5. Criação de um sistema econômico mundial.
6. Reconhecimento da necessidade de submissão a um controle mundial, com relação a assuntos biológicos, como a densidade populacional e os serviços de saúde.
7. Arianismo, ou seja, domínio da raça ocidental (movimentos neonazitas, por exemplo).
8. Iniciação planetária em massa ("iniciação luciférica", noutras palavras, adoração a Lúcifer).
9. Extermínio de todos os que não concordarem com esses objetivos.¹

Entendendo a profecia

Algumas pessoas ainda não se deram conta do perigo chamado Nova Era, e até ridicularizam, taxando de sensacionalistas todos aqueles que tratam seriamente o assunto. Outras o analisam superficialmente e acham infundadas as suas expectativas quanto ao estabelecimento de um governo mundial, evocando o conhecimento que pretendem possuir sobre a profecia de Daniel 2:43. Por isso, vamos considerar o que a Bíblia realmente tem a dizer a esse respeito.

Falando da grande estátua do sonho de Nabucodonosor, a passagem diz exatamente o seguinte: "Quanto ao que viste do ferro misturado com barro de lodo, misturar-se-ão mediante casamento, mas não se ligarão um ao outro, assim como o ferro não se mistura com o barro".

"A profecia não declara especificamente que não poderia haver uma união transitória de vários elementos, por meio da força das armas ou de uma dominação política. Sem dúvida, afirma que caso se intentasse ou se lograsse formar tal união, as nações que a integrassem não se fundiriam organicamente, e continuariam seus receios mútuos e hostis. ... No fim Satanás poderá formar uma união transitória de todas as nações (Apoc. 17:12-18; 16:14; CS 682), porém a confederação será efêmera, e em pouco tempo os elementos que formam essa união se voltarão uns contra os outros (CS 714; PE 290)."²

E interessante notar que o texto diz que "não se ligarão um ao outro, assim como o ferro não se mistura com o barro". Há uma ênfase clara na similaridade entre o tipo das uniões que poderiam ser levadas a efeito e o tipo de união possível entre o barro e o ferro. Como sabemos, existem dois tipos de

misturas: homogênea e heterogênea. Pelo primeiro tipo, temos como que uma fusão de dois ou mais elementos, formando um todo indistinto; desaparecem as diferenças entre as partes constituintes do todo.

A união entre o ferro e o barro jamais propiciará uma mistura homogênea e consistente. O que pode ocorrer é uma agregação entre esses elementos – uma mistura heterogênea – onde os elementos reunidos continuam mantendo as suas características peculiares e as “divergências” entre si. Conseqüentemente, como afirma o comentário, “as nações que a integrassem não se fundiriam organicamente, e continuariam seus rezeiros mútuos e hostis”. Por ser instável, essa união será transitória e passageira.

Andamento do plano

A Bíblia afirma que os governantes estarão sendo reunidos por “espíritos de demônios, operadores de sinais”, com vistas à grande batalha final (Apoc. 16:13 e 14). Ela também fala de governantes que estarão no final da História tão afinados com a besta que emergiu do abismo, a ponto de terem “um só pensamento e oferecerem à besta o poder e a autoridade que possuem” (Apoc. 17:13).

Essas afirmativas apontam insofismavelmente numa única direção: haverá uma confluência de interesses dos governantes das nações, que os levará a trabalhar pelo estabelecimento de uma confederação mundial. À frente desse projeto estão os seguintes elementos: o dragão (Satanás), a besta (o papado), a “besta que emerge da Terra” (os Estados Unidos), a Nova Era e os demais poderes religiosos simbolizados pelos três espíritos imundos semelhantes a rãs (Apoc. 16:13). Que essa união está em processo, não existe a menor dúvida. Basta atentarmos para as seguintes declarações:

“Há anos quando a Europa Ocidental ainda não se tinha recobrado da terrível destruição causada pela Segunda Guerra Mundial, os chefes de governo da França, Alemanha, Itália, Bélgica e Luxemburgo reuniram-se e firmaram em Roma um tratado destinado a estabelecer as fundações de uma união permanente entre os povos da Europa e a garantir o progresso econômico e social de suas nações por meio de uma ação em comum, que teria como finalidade a eliminação de todas as barreiras que dividiam a Europa. Esse foi o tratado de Roma, de 1957.”

“É tentador e até inacreditável, chamar a Europa que se desenha para 1992 de Estados Unidos da Europa. ... Repassando-se o destino europeu de Júlio César e Adolf Hitler, com escalas em Carlos Magno e Napoleão Bonaparte, tenta-se a unificação do continente não pela dominação, mas pela aceitação; não pelo capricho da potência do momento, mas pela tranqüila associação entre pares.”

“Os presidentes da França e da URSS propuseram ontem a edificação de uma nova Europa, com novas estruturas que a longo prazo levem a uma aproximação maior entre os países ocidentais e do leste. ... Isso deve ser feito, estabelecendo-se uma Confederação Européia... Essa confederação será viável quando todos os Estados europeus adotarem a democracia. ‘Precisamos de novas instituições no interesse de todos’, disse Gorbachev. ... ‘É hora de mudarmos antigos hábitos já que não existe mais a ameaça de guerra, mas ainda não é o momento’, acrescentou.”

O Movimento Nova Era está trabalhando em inúmeras frentes para que esse governo mundial se concretize. O próprio termo “Nova Ordem Mundial” faz parte do jargão da Nova Era. “Esse é um termo que a Nova Era utiliza para referir-se à unificação mundial, expressão encontrada em livros do Movimento já no início dos anos oitenta.”

Segundo Marco André, na Organização das Nações Unidas, ONU, existem importantes adeptos da Fá Bahá’í – segmento da Nova Era que trabalha pela unificação mundial em todos os seus aspectos. Desde 1970, a Comunidade Bahá’í é membro consultivo do Conselho Econômico e Social da ONU.⁷ Em palestras proferidas na cidade de Tatuí, SP, nos dias 17 a 21 de maio deste ano, o Pastor Mário Veloso afirmou claramente que “a ONU está sob o controle da Nova Era, bem como o governo dos Estados Unidos da América”. Isso é facilmente verificado nos planos estabelecidos por esse organismo mundial, em seus projetos e nos grandes eventos que promove. A Conferência sobre o Meio Ambiente (ECO-92) é um dos exemplos mais claros. Paralelamente às discussões do Fórum Global, houve programações religiosas de caráter místico dirigidas por adeptos do Movimento Nova Era.

Já faz algum tempo, o *Jornal do Brasil* declarava que “impulsionado pelo movimento ecológico, cresce na ONU um movimento federalista mundial de unificação do planeta... Os movimentos federalistas mun-

diais defendem a criação de uma autoridade planetária com gestão supranacional".⁸

Comentando os esforços pela formação de um governo mundial, Marco André afirma que o processo de unificação tem caminhado rapidamente. Já em 1977, em assembléia mundial, realizada na Áustria, foi adotado o anteprojeto da Constituição da Federação do Planeta Terra. Em maio de 1991, em Tróia, Portugal, foram aprovadas emendas para essa constituição e atualmente ela está circulando entre as lideranças mundiais para retificações.

Essa Constituição deverá ser a *carta magna* do mundo unificado. Ela já traz em si o diagrama do governo mundial e determina que esse governo seja dirigido por uma Procuradoria Geral Mundial e por uma comissão de procuradores mundiais regionais. A Procuradoria Geral Mundial será composta por cinco membros, um dos quais será nomeado como procurador geral mundial e cada um dos outros quatro será nomeado como associado. Em outras palavras, esse documento confirma as profecias bíblicas sobre um governo mundial, dirigido por um grande líder mundial, identificado como o anticristo (Apoc. 13:3).⁹

Russel Chandler associa o alvo de implantação do governo mundial, com a idéia de unicidade – “tudo é um; Deus é tudo e tudo é Deus” – ou Princípio Monista, também defendido pelo Movimento Nova Era. A idéia de que “tudo é um” aplica-se também às nações. De acordo com a visão mundial da Nova Era as fronteiras nacionais se tornariam obsoletas. Assim, a agenda da Nova Era requer uma emergente civilização mundial e um governo central, incluindo “impostos planetários”, e as Nações Unidas como a única agência central de governo.¹⁰

O veterano jornalista do *Los Angeles Times*, através de inúmeras entrevistas feitas com expoentes do Movimento Nova Era, deixa indicativos claros de que realmente existe essa pretensão e que as coisas estão se encaminhando nessa direção.

Num diálogo com Marilyn Ferguson, no início de 1988, afirma Chandler, “perguntei-lhe se a mudança de paradigma fazia parte da agenda. E ela, sempre otimista, replicou: ‘as coisas estão acontecendo, em muitos aspectos, mais rapidamente do que eu jamais havia esperado... Em certo sentido, não há como retroceder... Estamos chegando ao ponto em que está sendo selada a nossa interdependência’”.¹¹

Em sua edição de 6 de janeiro de 1993, a revista *VEJA*, numa matéria sobre “A Europa da Nova Era”, descreve: “Com o toque de emoção e a cenografia espetacular dos grandes momentos da História, ... estará sendo criado um mercado único de 360 milhões de habitantes, responsável por uma produção anual conjunta de 6,5 trilhões de dólares, maior que os 5,4 trilhões de dólares dos Estados Unidos. Isso significa que a Europa unificada terá 30% do PIB mundial, produzido em conjunto por Alemanha, França, Itália, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Espanha, Dinamarca, Luxemburgo, Irlanda, Portugal e Grécia.

“As alfândegas internas, entre um e outro país da Comunidade, desaparecerão. Um caminhão com sapatos italianos produzidos em Varese poderá chegar a Londres com um único documento, sem licença de exportação e sem pagar taxas aduaneiras. Nada impedirá um dentista espanhol de trabalhar em Paris, ou uma arquiteta holandesa de se estabelecer em Milão. ... Já no segundo semestre, um passageiro vindo de Roma poderá desembarcar em Paris ou em Amsterdã e entrar num táxi como se estivesse em seu próprio país.

“‘Estamos dando um passo decisivo na unificação do continente’, comemora o primeiro-ministro alemão Helmut Kohl, um campeão do europeísmo. Até o final do século, a tarefa deverá estar praticamente concluída. A Europa terá sua moeda única, instituições políticas conjuntas e um sistema unificado de defesa, de acordo com o tratado de Maastricht, que traça os contornos da integração. ... O tratado será a conclusão natural de um processo cujas raízes remontam ao Império Romano, primeira instituição realmente comum que os povos da Europa Ocidental compartilharam – nem sempre de espontânea vontade, como agora.

“Para o escritor italiano Mário Pirani, o projeto de união européia, tal como se apresenta hoje, pode ter lá seus defeitos, mas as imperfeições se devem justamente à forma democrática como foi elaborado. ‘A Nova Europa não é obra de déspotas onipotentes’, observa Pirani. ‘Ela nasce de acordos difíceis, obtidos depois de infinita mediação, entre doze Estados democráticos’. Não é preciso escarafunchar os livros de História para perceber como ele tem razão. Exceto talvez os Estados Unidos, no século XVIII,

quando a federação se formou com a adesão voluntária de cada Estado à idéia da União, nenhuma instituição moderna nasceu e cresceu com espírito mais democrático do que a Comunidade Européia.

“A união européia, que nasceu do desejo da França e da Alemanha em criar uma espécie de antídoto contra novas guerras, poderá, num prazo muito mais curto do que qualquer visionário sonharia, se tornar uma realidade válida para todo o velho continente. Já estão em estudos, em Bruxelas, os pedidos de associação da Áustria, da Suécia, da Finlândia e da Noruega. Países egressos do comunismo, como a Polônia, a Hungria e as duas metades da Checoslováquia, também já estão batendo à porta. Segundo Ralf Dahrendorf, ex-diretor da *London School of Economics*, a salvação da Comunidade é seu alargamento. ‘Permanecer como um pequeno clube é ficar à margem da História’, afirma Dahrendorf, que também já exerceu o posto de comissário britânico da Comunidade.

“A crescente integração entre as economias está levando o mundo rapidamente para um futuro sem fronteiras. Na próxima virada de ano, ao final de 1993, será a vez de começar a funcionar a Área Norte-Americana de Livre Comércio, reunindo os Estados Unidos, o Canadá e o México num bloco de tamanho e força econômica iguais ao da Europa Unida. ... A inevitável tendência mundial rumo à união e integração vai apressar a mudança dos 360 milhões de europeus da Comunidade. O acabamento vai ter de ser feito com a casa habitada.”

O Pastor George Vandeman, do programa *Está Escrito*, falando sobre a queda do comunismo e sobre o avanço da pregação evangélica na Rússia e demais países do Leste Europeu, afirmou que “os fatos ocorreram numa sucessão mais rápida do que qualquer observador atento pudesse prever”. A voz profética, por sua vez, garante: “os últimos acontecimentos serão rápidos”. Todos os planos e projetos ideados estão sendo postos em execução sob a bandeira da união e do alcance da paz. A Bíblia, no entanto, assegura que “quando andarem dizendo: paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição, como vem a dor do parto à que está para dar à luz; e de nenhum modo escaparão” (I Tess. 5:3).

O líder no governo mundial

Quando se fala em governo, a primeira idéia que nos vem à mente é a pessoa do líder e não o território em questão. A própria palavra pressupõe essa verdade, visto ser impossível haver governo sem governante ou governantes. Como vimos, na própria elaboração da Constituição do Planeta Terra, já está definida a forma de governo: uma Procuradoria Geral Mundial e uma Comissão de procuradores mundiais regionais. Isso posto, fica claro que haverá uma liderança visível à frente dessa confederação. A pergunta lógica a ser suscitada por qualquer pessoa é: Quem será o procurador geral mundial, e quais serão os seus associados? A segunda parte da pergunta possui um grau de dificuldade muito maior do que a primeira; no entanto, não é impossível defini-la. Quanto à identidade do líder principal, acha-se claramente apresentada no texto bíblico: “Têm estes um só pensamento, e oferecem à besta o poder e a autoridade que possuem” (Apoc. 17:13).

Vamos considerar essa afirmativa à luz das descrições que a História nos fornece a respeito desse poder, hoje.

“A iniciativa deve partir agora do polonês Karol Wojtyla. E ao que tudo indica, nem mesmo as figuras mais poderosas do Vaticano estão preocupadas em esconder a nova estratégia papal. Acelerar o fim dos regimes comunistas, por exemplo, era a primeira missão de João Paulo II... O projeto que ele mesmo definiu como a segunda evangelização da Europa segue tão bem que João Paulo II já parece convencido de que poderá assumir um papel semelhante ao que foi exercido pela Igreja Católica na Idade Média.”¹²

Evidentemente, isso implica no papado exercendo forte poder político e, sem sombra de dúvidas, resulta em acérrima perseguição que culminará com a sanção de um decreto de morte aos seus opositores. Tudo conforme está claramente apresentado na revelação bíblica. Como as peças de um gigantesco quebra-cabeça, tudo está se encaixando e os contornos visíveis do cumprimento das profecias estão aí, diante de nós, pedindo para serem vistos e analisados. Como a famosa esfinge da lenda grega, estão a dizer: “Decifra-me ou devoro-te”.

No empenho de decifrar as profecias bíblicas, precisamos estar atentos ao que diz a

própria Bíblia, aos escritos do Espírito de Profecia, aos acontecimentos ao nosso redor, não desprezando outras publicações denominacionais, ou mesmo seculares.

O escritor Clifford Goldstein, falando sobre a suposta identidade daquele que virá a ser o líder máximo da Nova Era, afirma: "Se bem que existam vários outros aspirantes, um homem é quem tranqüila e silenciosamente está assumindo uma posição estratégica para converter-se no líder dessa nova ordem: o papa João Paulo II".¹³

Esse mesmo autor refere-se ao livro *The Keys of this Blood* (As Chaves deste Sangue), no qual seu autor, o ex-jesuíta Malachi Martin, declara que "João Paulo II está lançando o papado na arena política internacional como não havia sucedido em muitos séculos. Foi a primeira marca distintiva da carreira de João Paulo II, ele que se havia despojado da camisa de força da inação papal nos assuntos mundiais de maior transcendência. O papa não se vê a si mesmo como um dirigente mundial entre muitos, mas sim como o único que, em virtude de sua posição, deve possuir a autoridade preeminente no dia em que se estabelecer a Nova Ordem Mundial".¹⁴

O parceiro ideal

A profecia bíblica afirma que chegaria um tempo em que todos os governantes mundiais se renderiam aos encantos do poder descrito como "a besta que emerge da Terra". Tais prestígio e devoção serão patrocinados pela nação mais poderosa do planeta, os Estados Unidos da América (Apoc. 13:11 a 15). É interessante esclarecer que a Igreja Adventista do Sétimo Dia sempre teve essa visão da profecia, desde os seus primórdios. Ou seja, justamente desde quando nada havia naquele país que demonstrasse grandeza ou poderio político.

Outro dado importante a ser adicionado, é que esse país surgiria como resultado de um movimento de independência de antigas colônias britânicas. Seu povo e seus colonizadores eram religiosos protestantes que haviam fugido da feroz perseguição, por motivos religiosos, que a Igreja romana lhes movera em seu país de origem, na Europa. Torna-se fácil entender como seria difícil fazer qualquer prognóstico meramente humano, estabelecendo uma futura parceria entre aquele país e o papado. Seria o mesmo que

esperar amizade entre um rato e um gato.

Para complicar ainda mais o quadro de uma futura aliança, temos a "vacina preventiva" que os americanos aplicaram na elaboração de sua *carta magna*. Tendo sofrido na pele a cruel perseguição religiosa patrocinada pelo Estado, eles estabeleceram em sua Constituição a clara e distinta separação entre Igreja e Estado, uma das maiores causas de sua paz interna.

"O Congresso não fará nenhuma lei a respeito da oficialização da religião, nem proibindo o livre exercício dela", diz a Primeira Emenda, adotada com as outras partes da Declaração de Direitos de 1791.¹⁵

"A maior realização da Constituição americana foi a criação de uma nação com separação amigável da Igreja e do Estado. O mundo não tinha visto algo semelhante antes disso. Desde os tempos antigos, todas as outras nações haviam cobrado impostos do povo para sustentar a religião do Estado, e a maioria oprimira os dissidentes religiosos... Mas a América do Norte, com sua separação amigável da Igreja e do Estado, não pagou salário a clérigos nem cobrou impostos de alguma congregação. Permitiu que as denominações proliferassem e não sustentou nenhuma delas."¹⁶

Indicativos atuais

A pós termos assentado o alicerce profético, vamos deixar que a confirmação, através dos últimos acontecimentos, venha levantar as paredes da nossa construção histórica.

Começemos por uma notícia veiculada pelo jornal *Folha de S. Paulo*, de 10 de abril de 1984:

"Ao receber ontem as credenciais do primeiro embaixador norte-americano em 117 anos, o papa João Paulo II alertou que a paz depende em grande medida de como os Estados Unidos exercem seu poder global. ... A breve cerimônia ocorreu na biblioteca do palácio apostólico, e tanto o papa como o embaixador William Wilson a qualificaram de histórica. O embaixador Wilson já era representante especial do presidente Reagan junto ao Vaticano. João Paulo II nomeou seu embaixador em Washington, dia 26 de março. É o arcebispo Pio Laghi.

"Nesta ocasião não posso deixar de expressar minha convicção de que o mundo de hoje depende em grande medida de como os Estados Unidos exercem sua missão global a serviço da humanidade", disse o pontífice.

'Minhas preces, senhor embaixador, são para que a América não falhe em renovar sua identidade fiel à moral e aos princípios religiosos e a serviço de um mundo necessitado de paz e direitos humanos, um mundo faminto de pão, de justiça e de amor fraternal', acrescentou.

"Nossas preocupações comuns devem necessariamente abarcar os problemas globais da fome no mundo, a corrida armamentista, a miséria humana, a opressão dos fracos, a odisséia dos pobres, a condição dos refugiados, a violação das consciências e o desenvolvimento integral dos indivíduos, das comunidades e das nações", afirmou ainda João Paulo II. ... Destacou que, devido a sua composição como nação, os EUA estão 'eminentemente capacitados para tal tarefa'.

"O embaixador Wilson, que falou primeiro, agradeceu ao papa por seu 'infatigável trabalho pela dignidade humana e a paz mundial'. E acrescentou: 'os eventos mundiais nos trouxeram novas e globais responsabilidades. Nós as aceitamos com relutância, mas também com confiança'."

Após o reatamento diplomático, só faltava a nação reconhecidamente protestante reder-se aos encantos do "homem de branco". Isso também já passou para os registros da História.

"O presidente Ronald Reagan e sua mulher Nancy, voaram até Miami especialmente para recebê-lo aos pés do avião que o trazia de Roma – uma distinção jamais tributada a outros chefes de Estado que visitaram o país. As três redes de televisão, a CBS, a NBC e a ABC, registraram ao vivo a cerimônia de sua chegada, que se calcula tenha sido assistida por mais de 50 milhões de pessoas. Cada hora que ele permanecer nos Estados Unidos custará 98 mil dólares. Foi nesse clima de honrarias, publicidades e opulência que João Paulo iniciou, na quinta-feira passada, a sua segunda peregrinação pelo território americano", informou a revista *VEJA*, de 16 de setembro de 1987.

Clifford Goldstein cita vários fatos comprovatórios de que João Paulo II está assumindo essa liderança mundial:

1. Ele tem sido um hóspede honrado pela Casa Branca e tem tratado familiarmente com os dirigentes mundiais.

2. Foi chamado de "santo padre" por George Bush e estabeleceu relações diplomáticas com os Estados Unidos e com a Rússia.

3. O ex-presidente soviético Mikhail Gorbachev se dirigiu a ele como "a mais elevada autoridade moral do mundo".

4. É atribuído a ele, em maior medida que a qualquer outra personagem, o colapso do comunismo na Europa Oriental, um evento considerado como prelúdio da Nova Ordem Mundial.

"Agora", afirma Goldstein, "com o colapso do comunismo, com a instabilidade da economia mundial, com o declínio moral do Ocidente, o mundo – unido graças aos meios de comunicação de massas – segue uma direção que poderá dar a uma figura tão reverenciada mundialmente como João Paulo II, uma autoridade política sem paralelo na História".

Conclusão

As últimas profecias estão se cumprindo numa sucessão incrível, em uma forma vertiginosa. Como pastores e líderes à frente do povo de Deus, não devemos apavorar os fiéis – e nem precisamos. O pavor vem como fruto do desconhecimento total ou do conhecimento truncado das profecias, e da falta de relacionamento íntimo com Jesus. Devemos, isto sim, dar à trombeta o som certo, pregando e advertindo os membros de nossas igrejas com respeito à solenidade do tempo em que vivemos. Temos diante de nós a última e decisiva batalha (Apoc. 16:16). Necessitamos estar conscientes e conscientizar outros desse fato.

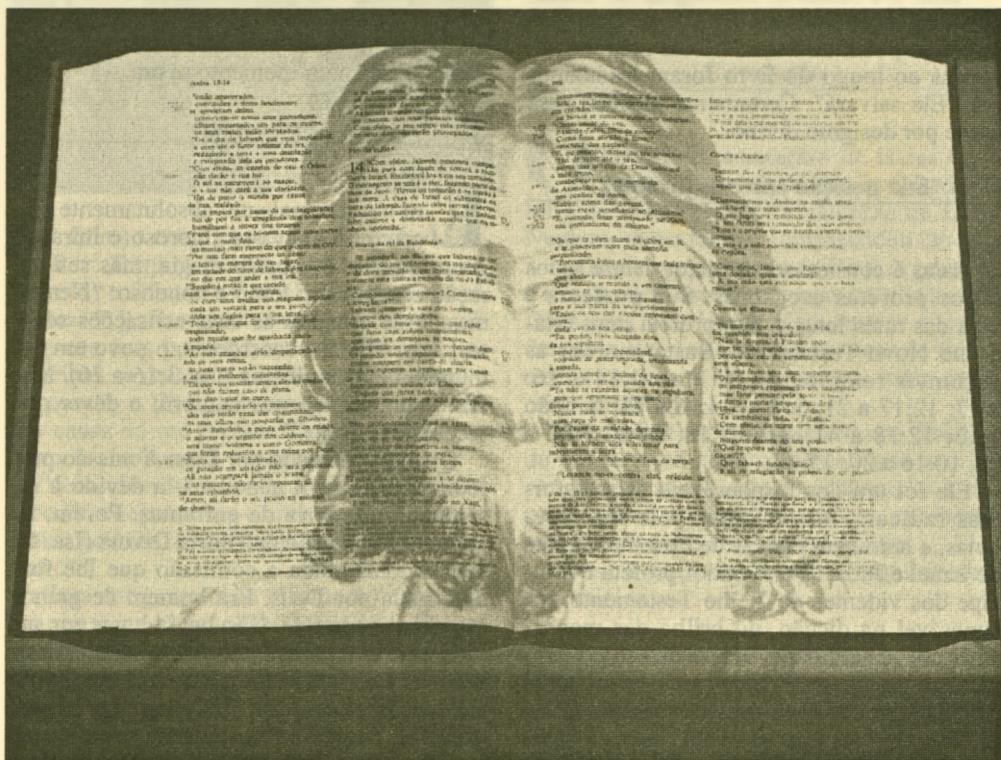
Referências

1. Sônia Gazeta, *A Nova Era e os Últimos Eventos da História*, pág. 9.
2. *Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Dia*, vol. 4, pág. 803.
3. *VISÃO*, 20 de julho de 1988, citado no *Jornal Profético*.
4. *VEJA*, 18 de maio de 1988, idem.
5. *O Estado de S. Paulo*, 1º de novembro de 1991, pág. 7.
6. Marco André, *Nova Era*, Ed. Betânia, pág. 74.
7. *Ibidem*.
8. *Jornal do Brasil*, 26 de fevereiro de 1992, págs. 6 e 7.
9. Marco André, *Op. cit.*, pág. 74.
10. Russel Chandler, *Compreendendo a Nova Era*, Bom Pastor Editora, pág. 38.
11. *Idem*, págs. 253 e 254.
12. Wanderlei de Paula, *Jornal Profético*, págs. 120 e 121.
13. Clifford Goldstein, *Revista Adventista de España*, maio de 1992, pág. 8.
14. *Ibidem*.
15. Maxwell, *God Cares*, vol. 1, págs. 341 a 343.
16. *Ibidem*.

Isaías: poeta, estadista e orador

VOLNEY KÜHL

Diretor de Comunicação da Federação Catarinense



Werner

O estudo dos livros proféticos da Bíblia pode ser uma experiência deveras estimulante para aqueles que a realizam com cuidado e zelo. Esses livros são, muitas vezes, postos de lado sob a falsa desculpa de serem demasiado difíceis, excessivamente técnicos, e até desinteressantes.

A principal razão da dificuldade na leitura de um livro de profecia, deve-se ao fato de o leitor não estar familiarizado com os vários aspectos do cenário do mesmo. Como cristãos, temos fixado nossas esperanças quanto à vida presente e futura em três grandes fatos da fé: "a crença na existência de

Deus, a Bíblia como sendo o Livro de Deus e Deus falando por intermédio de Seus profetas. Ele nos deu este Livro - a Bíblia".¹

Mas há uma urgente necessidade: a do estudo da parte profética da Bíblia, um assunto olvidado por muitos. Diz Ellen G. White: "Muitos há que não compreendem as profecias referentes aos nossos dias e precisam ser esclarecidos".²

Ao estudarmos um livro escrito por um profeta, é muito necessário que tenhamos uma imagem mental do autor do livro, seu ambiente familiar, seu caráter e sua história pessoal. Tomaremos como exemplo o profe-

ta Isaías, deixando que seu testemunho pessoal nos possibilite uma imagem mental a seu respeito que permita uma melhor compreensão dos seus escritos.

Seu nome

O nome de Isaías é deveras significativo, pois é composto de duas palavras hebraicas *Yasha'* - *Yahu*, que significam "O Senhor é Salvação" ou "Jeová Salva".

"Este é o tema da mensagem de Isaías: que a salvação é recebida somente pela graça e pelo poder de Deus." Duas palavras favoritas ao longo do livro foram traduzidas por "Ele salvará". Certamente recebeu esse nome por designio divino.

Sua posição entre os profetas

Isaías é considerado o maior dentre todos os profetas escritores. Sua profecia é uma das mais longas. É o profeta mais citado no Novo Testamento. Basta conferir as seguintes referências: S. Mat. 4:14 a 16; 8:17; 12:17 a 21; S. Luc. 4:16 a 21; S. João 1:13; 12:38 a 41; Atos 8:18; Rom. 9:27 a 29; 10:16 a 20; 15:12.

Ele foi um dos responsáveis pelas reformas radicais, introduzidas pelo Rei Ezequias, e atuou em épocas de crise nos reinos de Israel e Judá. "Foi o maior profeta e príncipe dos videntes do Velho Testamento. Insuperável na dicção, no brilho das mensagens, na versatilidade, beleza de estilo e amplitude profética." Exerceu o ministério profético por muitos anos e, segundo Ellen G. White, "durante sessenta anos ou mais ele permaneceu diante dos filhos de Judá como um profeta de esperança". Grande parte de seu livro está em forma poética.

Época em que viveu

Já no primeiro versículo do livro, aprendemos que a maior parte de seu ministério público teve lugar no reinado de Uzias, Jotão, Acáz e Ezequias, reis de Judá. No período desses reis houve grande prosperidade política, principalmente nos dias de Uzias, que pode ser considerado "o mais próspero que Judá conhecera desde Salomão".

O período era de grande riqueza, luxo, ar-

rogância, segurança carnal, opressão aos pobres, decadência moral e culto formal. "Não havia integridade, não havia princípio, não havia religião... Os israelitas insurgiram-se contra os israelitas como canibais (Isa. 9:19), mostrando uma barbárie que teria sido chocante entre pagãos."

Isaías foi contemporâneo de Amós, Oséias e Miquéias. A época e circunstâncias por eles vividas foram basicamente as mesmas. Época excessivamente marcada por forças assírias, prestes a invadir as terras de Judá, apostasia e perversidade de seu povo, e uma condição social corrupta e injusta. Isaías era homem indicado para ser portavoz de Deus num momento assim.

Seu caráter

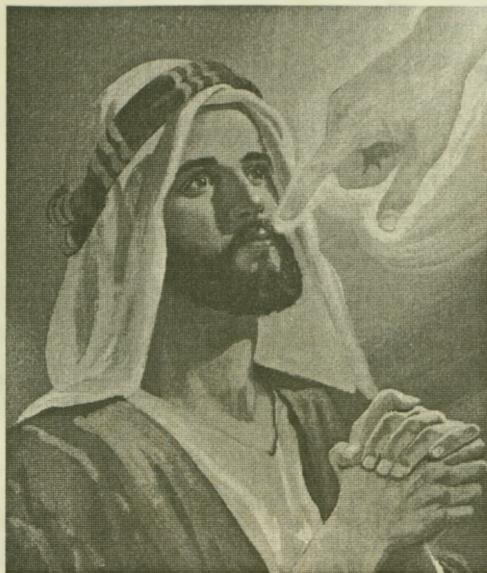
Era ousado, valente, absolutamente sincero. Mostrava-se rigoroso e intransigente quando a ocasião exigia, mas seu coração era também terno e bondoso. "Nenhuma classe escapou às suas acusações severas: reis, oficiais, sacerdotes, o povo em comum e até as mulheres (Isa. 3:16 a 26). Não fez distinção. Apenas cumpriu o dever que recebera de Deus."

Quando chamado por Deus à missão profética, pensou em abandoná-la devido à resistência que teria de enfrentar. Porém, ao contemplar a visão da Glória Divina (Isa. 6), sentiu confirmada a comissão que lhe fora outorgada por Deus. Era homem de grande espiritualidade e fé. Não havia lugar em sua vida para o mundanismo e a dúvida. Via os homens e as coisas do ponto de vista divino e à luz da eternidade. Era gênio em muitos aspectos, devido a seus talentos como poeta, estadista e orador.

Sua história pessoal

Embora não se conheça muito a esse respeito, sabemos que era filho de Amós - não o profeta. Segundo o Talmude, esse Amós era irmão do Rei Amazias. E Ellen G. White afirma: "Isaías era da linhagem real, e foi chamado quando ainda jovem".

Seus escritos refletem que possuía um refinado intelecto, boa educação, conhecimento das Escrituras e da situação política da época. Era casado e tinha dois filhos. Sua mulher foi chamada de profetiza (Isa. 8:3).



A. Rios

Seus filhos tinham os nomes de *Maher-Shal-Bas* (Rápido-despojo-presa-segura, cf. Isa. 8:3) e *Shear-Jashub* (Um resto-volverá, cf. Isa. 7:3). Esses nomes peculiares se aplicam aos dois pontos básicos do livro: 1) os israelitas se recusam afastar-se da idolatria e do pecado e, 2) depois do castigo permitido por causa do seu pecado, Deus permitiria ao povo que voltasse à sua própria terra.

“Jerusalém foi o cenário principal de seus labores, chegou a ser orador da corte, conselheiro político, estadista da nação por muitos anos.”¹⁰

Uma antiga tradição (Talmude) narra que foi martirizado pelo Rei Manassés. Consta que foi serrado em duas partes, no meio de um tronco oco de árvore (Heb. 11:37). Ellen White, por sua vez, assegura: “Manassés derramou muito sangue inocente... e um dos primeiros a cair foi Isaías.”¹¹

Sua mensagem

A nota tônica de sua pregação resume-se no castigo pelos pecados e a salvação pela justiça.

John Phillips escreveu: “Num momento sua mensagem é negra como o trovão. No seguinte, o arco-íris brilha.”¹² É conhecido pelas profecias messiânicas (Isa. 53), e chamado por Ellen White de “profeta evangélico”.¹³

O livro de Isaías apresenta-nos abundante material a respeito de Deus, Seus atributos,

Seu caráter, Suas obras e Sua incomparável grandeza. Talvez, neste aspecto, seja o livro mais rico em toda a Bíblia, especialmente os capítulos 40 a 45.

Eis um exemplo de suas referências aos atributos divinos:

1. Deus Auto-Existente – Isaías 44:6; 46:10
2. Deus Auto-Suficiente – Isaías 44:24
3. Deus Eterno – Isaías 40:28; 58:15
4. Deus Imutável – Isaías 46:3 e 4; 48:12
5. Deus Onisciente – Isaías 42:9; 46:9 e 10
6. Deus Sábio – Isaías 40:13 e 14
7. Deus Onipotente – Isaías 40:26 a 31; 45:24
8. Deus Onipresente – Isaías 57:15; 66:1

Conclusão

O centro da mensagem de Isaías era o ensino do verdadeiro significado da religião e da verdadeira natureza de Deus. Nenhum outro falou e compreendeu tão bem a santidade e a grandeza de Deus, a pessoa e a missão de Cristo, e o propósito glorioso de Deus para Sua Igreja. Com justiça é considerado o Rei dos célebres profetas de Israel, e seus escritos, a obra mestra de todos os escritos proféticos.

Possivelmente, se fixássemos o objetivo de buscar esse quadro mental, isso serviria para despertar o desejo de conhecer os livros proféticos e, conseqüentemente, receberíamos bênçãos advindas de tal estudo.

Possa a graça de Deus nos impulsionar a essa iniciativa.

Referências

1. Denton Edward Rebok, *Crede em Seus Profetas*, Casa Publicadora Brasileira, Santo André, SP, 1959, pág. 19.
2. Ellen G. White, *Evangelismo*, pág. 194.
3. Gleason L. Archer, *Merece Confiança o Antigo Testamento*, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, São Paulo, SP, pág. 259.
4. Merrild F. Unger, *Unger's Bible Handbook*, Grand Rapids, MI, EUA, Zondervan Publishing House, 1966, pág. 506.
5. Ellen G. White, *Profetas e Reis*, págs. 303 e 304.
6. J. D. Douglas, *O Novo Dicionário da Bíblia*, Edições Vida Nova, São Paulo, SP, 1988, vol. 1, pág. 735.
7. John Brought, *História de Israel*, Edições Paulinas, São Paulo, SP, 1985, pág. 364.
8. Irving L. Jensen, *Isaías e Jeremias: Estudo Bíblico*, Editora Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1987, pág. 32.
9. Ellen G. White, *Profetas e Reis*, pág. 298.
10. SDBAC, R&H Publishing, vol. 4, pág. 125.
11. Ellen G. White, *Profetas e Reis*, pág. 371.
12. John Phillips, *Exploring the Scriptures*, Moody Publishing House, Chicago, 1965, pág. 131.
13. Ellen G. White, *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 43.

Jovem casal lidera a Associação Ministerial

Em virtude da jubilação do Pastor Floyd Bresee e sua esposa, Ellen, no ano passado, a Associação Geral da Igreja Adventista escolheu o Pastor James A. Cress para ser o novo secretário ministerial. Sua esposa Sharon estará à frente da AFAM internacional.

O Pastor Cress é o mais jovem secretário ministerial escolhido pela AG. Com apenas 43 anos ele chega com uma rica experiência como pastor distrital, evangelista e departamental. Sua esposa, Sharon, tem 22 anos.

Nascido na Flórida, Estados Unidos, o novo ministerial completou seu mestrado em Teologia, na *Andrews University*, em 1973. Atualmente está completando o doutorado no Seminário Teológico Fuller, na Califórnia. Desempenhou as funções de pastor distrital, na Flórida (1974-1978), evangelista e secretário ministerial na União do Lago. Em seguida mudou-se para a Associação de Ohio, onde permaneceu até 1983, como ministerial. De 1983 a 1989, serviu na União Centro-América, na mesma função. Nos últimos anos, Cress



James e Sharon Cress.

pastoreou a igreja de Marietta, na Georgia.

Sharon, natural de Milan, Indiana, completa a dupla ministerial. Ela tem auxiliado o esposo nas áreas de evangelismo pessoal, aconselhamento familiar e evangelismo infantil.

Ambos são profundos conhecedores da Bíblia e possuidores de muita energia e criatividade para conduzir pessoas aos pés da cruz de Cristo. Estão intensamente interessados no crescimento espiritual, social, moral e intelectual dos pastores e suas respectivas famílias, ao redor do mundo.